



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Artes e Comunicação
Departamento de Letras

Homero presente: representações da épica arcaica em livros didáticos do primeiro ano
do ensino médio

Discente: Gabriel Oliveira Gelpke
Professor Orientador: Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

GABRIEL OLIVEIRA GELPKE

HOMERO PRESENTE:

REPRESENTAÇÕES DA ÉPICA ARCAICA EM LIVROS DIDÁTICOS DO
PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Trabalho apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do título em licenciado em Letras-Português.

Orientador: Prof. Dr. Flaviano Maciel Vieira

RECIFE
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Gelpke, Gabriel.

Homero presente: representações da épica arcaica em livros didáticos do primeiro ano do ensino médio / Gabriel Gelpke. - Recife, 2022.
p.46 : il.

Orientador(a): Flaviano Vieira

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Letras Português - Licenciatura, 2022.

10.

Inclui referências.

1. Homero. 2. Poesia épica. 3. Livro didático de português. 4. BNCC. I. Vieira, Flaviano . (Orientação). II. Título.

370 CDD (22.ed.)

ATA DE DEFESA DE TCC
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE LETRAS (CAC/UFPE)

Ata de defesa da(o) monografia/artigo do(a) aluno(a) **Gabriel Oliveira Gelpke**, da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso II, do Curso de **Letras Português - Licenciatura**, do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco. Ao décimo oitavo dia do mês de maio de dois mil e vinte e dois (2022), às dezesseis horas (16h), realizou-se, de forma remota, através do link: <https://meet.google.com/yky-afrz-gpf>, a defesa da(o) monografia/artigo intitulada(o): ***“Homero presente: representações da épica arcaica em livros didáticos do primeiro ano do ensino médio”*** do(a) aluno(a) Gabriel Oliveira Gelpke. A Banca Examinadora, composta pelos(as) professores(as) Flaviano Maciel Vieira - Orientador(a) e André de Sena Wanderley - Examinador(a), julgou a(o) monografia/artigo APROVADA(O) e conferiu ao(à) aluno(a) a nota **dez (10,0)**. Eu, Lucas Lopes Barreto de Sousa, secretário(a) da Coordenação dos Cursos de Letras, lavrei a presente ata, que vai por mim assinada, pelo(a) Chefe do Departamento, pelo(a) Coordenador(a) do Curso de Letras Português - Licenciatura, pelos componentes da Banca Examinadora e pelo(a) aluno(a). Recife, 18 de maio de 2022.

Assinaturas:

Lucas Lopes Barreto de Sousa - Secretário(a) _____

Yuri Jivago Amorim Caribé - Chefe do Departamento _____

Sônia Virgínia Martins Pereira – Coord.Letras Português – Licenciatura _____

Flaviano Maciel Vieira – Orientador(a) _____

André de Sena Wanderley – Examinador(a) _____

Gabriel Oliveira Gelpke - Discente



Emitido em 20/05/2022

ATA Nº 586/2022 - CGLLP (12.13.65)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 21/05/2022 10:38)

ANDRE DE SENA WANDERLEY

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DL (12.13.08)

Matrícula: 1851308

(Assinado digitalmente em 23/05/2022 10:09)

FLAVIANO MACIEL VIEIRA

PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR

DL (12.13.08)

Matrícula: 1050854

(Assinado digitalmente em 20/05/2022 12:16)

LUCAS LOPES BARRETO DE SOUSA

ASSISTENTE EM ADMINISTRACAO

CGLLP (12.13.65)

Matrícula: 2276051

(Assinado digitalmente em 04/06/2022 14:08)

SONIA VIRGINIA MARTINS PEREIRA

COORDENADOR - TITULAR

CGLLP (12.13.65)

Matrícula: 1705946

(Assinado digitalmente em 20/05/2022 13:00)

YURI JIVAGO AMORIM CARIBE

CHEFE - TITULAR

DL (12.13.08)

Matrícula: 2247579

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <http://sipac.ufpe.br/documentos/> informando seu número:
586, ano: **2022**, tipo: **ATA**, data de emissão: **20/05/2022** e o código de verificação: **15707c91d6**

Sumário	
Introdução	4
1.0- O mundo de Homero e de sua poesia	11
2.0 O livro didático	17
2.1 Aristóteles, os Gêneros Literários e os épicos de Homero	20
3.0 A presença de Homero no livro didático: uma análise	22
3.1 Livro Projeto Múltiplo: Literatura	22
3.2 Análise do livro: Ser protagonista BOX Literatura	29
3.3 Vereda Digital: Literatura Formação do Leitor Literário	33
3.4 Análise das questões avaliativas apresentadas nos três livros	37
Conclusão	43
Bibliografia	45

Resumo

O seguinte trabalho tem como objetivo a análise de Homero e de suas duas epopeias, *Ilíada* e *Odisseia*, em três livros didáticos utilizados por escolas renomadas do Ensino Médio brasileiro. Para tanto, dividimos nossos esforços em três frentes. A primeira explora o legado crítico e cultural que a nós chegou acerca dessas duas obras, mobilizando autores como Jaeger (2020), Krausz (2007) e Lesky (1998). Buscamos, aqui, uma compreensão inicial sobre aquele que chamam Homero, suas possíveis origens, os traços de produção oral dos épicos, bem como as características formais de seus poemas, a natureza de seus personagens ou de seu canto. A segunda mune-nos dos critérios a partir dos quais direcionaremos nosso olhar sobre o material didático, sua redação e suas questões levantadas para estimular o aprendizado. Utilizamos, em tal seção, os postulados de Bunzer (2005), Chavel (2014), e Marcuschi (2008) como guias de uma prática dialógica e ancorada na realidade atual dos discentes de ensino de literatura. Nesse viés, os PCNs-EM (2000) e a BNCC-EM (2017) oferecem as competências e habilidades que devem ser estimuladas no estudante nesse período de vida. Por fim, empreendemos a análise propriamente dita, descobrindo nos materiais estudados uma série de informações omitidas, imprecisas, uma presença ínfima dos textos homéricos, pouquíssimo diálogo com a contemporaneidade, e, por fim, questões avaliativas que falham no desenvolvimento do senso crítico e estéticos dos alunos. Assim, ensinamos fomentar a pesquisa e análise desse material que atinge milhares de estudantes e molda, positiva ou negativamente, o imaginário da população sobre a literatura arcaica.

Palavras-chave: Homero; poesia épica; análise; livro didático de português; BNCC.

Abstract

The following paper aims to analyze Homer and his two epics, *The Iliad*, and *The Odyssey*, in three textbooks used by renowned Brazilian high schools. Therefore, we divided our work into three approaches. The first explores the critique and cultural legacy ushered by his works. To such end, we employ authors such as Jaeger (2020), Krausz (2007) and Lesky (1998). We seek, here, an initial understanding of what those textbooks call Homer, his possible origins, the oral epic beginnings, the poetic traits of his poems, the nature of his heroes, or of his singing. The second question addresses the Direction of our gaze on the teaching materials, their writing, and the questions they raise to stimulate learning. In this section, we enlist the postulates of Bunzer (2005), Chavel (2014) and Marcuschi (2008) as guides for a dialogical practice anchored in the current reality of literature students. During this period, the PCNs-EM (2000) and the BNCC-EM (2000) suggest the skills and abilities that should be stimulated in the students during this period of their life. Finally, we undertake the analysis itself, uncovering in the studied materials a series of imprecise information, minor connections with the Homeric texts, the negligible presence of links with the modern world. Finally, we found evaluative questions that fail to foment the aesthetical and critical thinking of those who answer it. Thus, we aim to encourage research and analysis of an object that can shape the imagination about archaic literature of thousands of teenagers and future adults.

Keywords: Homer; epic poetry; analysis; portuguese textbooks; BNCC

Introdução

O estudo da literatura, em especial da literatura clássica, é atemporal. Em suas épica, lírica e drama, a obra dos antigos desperta o constante fascínio de pesquisadores e leitores independentemente de sua época, língua materna, nacionalidade e filiação artística. A fúria que impele o corpo de Aquiles à guerra, a saudade que anima o espírito de Odisseu em seu excruciante retorno ao lar e a melancolia que embala o coração de Safo em sua lírica: sentimentos que, mesmo após quase 3000 anos, ainda ressoam em um público moderno que, ao aceitar a essência mais profunda de tais olhares, faz dessa tradição sua intimidade. Nesse viés, o antigo se faz atual, e a cultura clássica, com toda sua riqueza de imagens, narrativas e sensações, permanece viva.

Assim, a partir desse constante processo de leitura, estudo e releitura, e com o avanço das ciências da educação, a própria abordagem acadêmica sobre esses gêneros mudou. E, para acompanhar essa transição, a perspectiva do livro didático acerca de tal conteúdo também se alterou. Isso se reflete na multiplicação dos gêneros modernos que o professor precisa abordar em sala, e, por conta desse aumento, cada vez menos encontramos textos que discutam ou debatam Homero no ensino médio. Tal fato, no entanto, parece ser bastante contraditório, visto que, ao mesmo tempo em que as ferramentas didáticas se debruçam menos sobre os clássicos, mais encontramos uma abordagem historicista que valoriza o estudo dos movimentos literários, suas origens históricas, preceitos filosóficos e as características de determinados autores, considerados expoentes de seu tempo.

Tal exclusão se faz presente, também, nos documentos oficiais de ensino, que, apesar de sua proposta de uma educação contextualizada e formadora de um sujeito crítico, capaz de entender, comparar e intervir em múltiplos contextos socioculturais e artísticos, relega o estudo dos clássico greco-romanos e de seu impacto no Ocidente a um plano secundário, não nominado. Essa situação é expressa em uma das múltiplas competências sugeridas pelo escrito na a BNCC-EM (Base Nacional Curricular Comum do Ensino Médio, 2017) sobre a abordagem do fenômeno literário:

(EM13LP51) Analisar obras significativas da literatura brasileira e da literatura de outros países e povos, em especial a portuguesa, a indígena, a africana e a latino-americana, com base em ferramentas da crítica literária (estrutura da composição, estilo, aspectos discursivos), considerando o contexto de produção (visões de mundo, diálogos com outros textos, inserções em movimentos estéticos e culturais etc.) e o modo como elas dialogam com o presente. (BRASIL, 2017, p. 516)

Apesar disso, o documento defende, como um dos pilares essenciais da educação básica, incluindo aquela disposta no ensino médio, “valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.” (BRASIL, 2017, p. 09) Além disso, defende a capacidade que o texto literário tem de enriquecer as percepções de mundo de seu leitor, ao levá-lo a universos que ampliam a “capacidade de ver e de sentir” (BRASIL, 2017, p. 491), colocando em questão fatores da realidade que, apesar de pretéritos, fazem-se ainda presentes no contemporâneo. Nesse sentido, é de se estranhar que pouca atenção seja dada à principal referência de muitos dos expoentes da literatura mundial. Afinal, como entender, por exemplo, o épico camoniano, seu uso da forma da epopeia e do próprio panteão greco-latino, desconhecendo aquele que tudo originou?

Os PCN-EM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, 2000) adotam uma postura ainda mais radical, ao retirarem a literatura de seus eixos centrais de trabalho com a língua e considerarem que “o ensino da língua materna deve considerar a necessária aquisição e o desenvolvimento de três competências: interativa, textual e gramatical.” (BRASIL, 2000, p. 55). Em consonância com essa abordagem sobre a literatura, também não contemplam diretamente o legado antigo. Apesar disso, os documentos apresentam uma consciência bastante desenvolvida da importância do estudo dos estilos de época e da tradição, pouco presente na BNCC, e das diversas tradições artísticas, muitas das quais foram diretamente influenciadas pela herança homérica. Dessa maneira, os PCN-EM (2000), consideram, como competência e habilidade indispensável, “identificar manifestações culturais no eixo temporal, reconhecendo os momentos de tradição e de ruptura” (BRASIL, 2000 p. 65). Sobre isso, ainda explanam:

Os produtos culturais das diversas áreas (literatura, artes plásticas, música, dança etc.) mantêm intensa relação com seu tempo. O aluno deve saber, portanto, identificar obras com determinados períodos, percebendo-as como típicas de seu tempo ou antecipatórias de novas tendências. Para isso, é preciso exercitar o reconhecimento de elementos que identificam e singularizam tais obras, vários deles relacionados a conceitos já destacados anteriormente; (BRASIL, 2000, p. 65)

Embora ambos os documentos apresentem perspectivas que possam parecer antagônicas no que diz respeito à tradição grega, é preciso compreender que não há fuga óbvia dos gêneros e das temáticas abordadas na literatura clássica, muito menos uma divergência de objetivos com as competências sugeridas pela BNCC-EM (BRASIL, 2017) e pelos PCN-Sem (BRASIL,

2000). Corroboramos com Frye (2018) quando este pondera que toda literatura advém de dois grandes eixos: “A Bíblia” e as épicas de Homero. Dessa forma, é imprescindível, para a construção de um letramento literário, entender as figuras construídas e as chaves de pensamento, oriundas da tradição, que se desdobram no presente. Sendo assim, ainda conforme o autor, seria quase impossível apreender e discernir todo um conteúdo literário sem perceber as imagens iniciais por ele retomadas. Por essa razão, é muito comum nos depararmos com jogos de videogame como *God of War*, *Assassins Creed: odyssey*, ou mesmo com séries literárias como *Percy Jackson e os olímpianos*, todos objetos de extrema popularidade, principalmente, entre o público adolescente. Tal prevalência de ecos da cultura clássica no presente salienta ainda mais o vácuo deixado, no ensino literatura, pela ausência de uma centralidade desse tema nos livros didáticos brasileiros.

Reconhecemos, haja vista o supracitado, que o diálogo com o legado grego pode, de maneira enriquecedora e construtiva, corroborar com as habilidades que a BNCC-EM pretende fomentar no estudante do ensino médio. Isso ocorre, principalmente, com aquelas que propõem o cotejo entre obras de diferentes épocas com o contexto atual, seja em uma perspectiva social, afetiva, ou mesmo de continuidade de temas e referências. Essa visão conciliadora entre passado e presente é explicitada na seguinte habilidade:

(EM13LP03) Analisar relações de intertextualidade e interdiscursividade que permitam a explicitação de relações dialógicas, a identificação de posicionamentos ou de perspectivas, a compreensão de paródias e estilizações, entre outras possibilidades. (BRASIL, 2017, p. 498)

Outro ponto defendido pelos documentos, a análise dos efeitos de sentido decorrentes do uso da linguagem, EM13LP06 (BRASIL, 2017, p. 486), também pode ser experimentada por meio do contato com a obra de Homero. Apesar da grande maioria dos estudantes, e dos professores, não ser capaz de experimentar o texto em sua língua original, diversas traduções existem que resgatam, cada uma com sua proposta e com seus métodos, alguma característica fundamental de sua fonte. Além disso, a tentativa de resgate do estilo homérico, em língua portuguesa, ainda é capaz de resultar em versos de grande beleza e expressividade.

Nesse tempo, já todos quantos fugiam à morte escarpada/ se encontravam em casa, salvos da guerra e do mar. / Só àquele, que tanto desejava regressar à mulher, / Calipso, ninfa divina entre as deusas, retinha/ em côncavas grutas...” (HOMERO, 2011, p. 119)

São dois os grandes textos homéricos sobreviventes à Idade Moderna: *A Ilíada* e *a Odisseia*. Ambos tematizam, respectivamente, a ira de Aquiles e suas ações na guerra de Troia e a volta de Odisseu para casa após o término do conflito. Para além de epítetos específicos, somos apresentados a uma narração por versos, a partir de vinte quatro cantos, e a sentimentos universais da condição humana. Sobre essa questão, pontua Carpeaux (2012): “Homero fala de tudo que é humano; inclui na vida humana os deuses, que têm feição nossa, mas também o lado infra-humano e até mesmo animal de nossa vida. As fadigas físicas, a comida, o amor e suas expressões físicas, tudo entra em Homero...” (CARPEAUX, 2012, p. 20)

Assim, Aquiles responde, ao ingressar no prélio, a uma questão indissoluvelmente humana: qual o valor de uma vida? Contemplado com a escolha de uma vida longa, gratificante, cheia de amor, riqueza e poder, mas fadada ao esquecimento, em detrimento de outra curta, porém eternizada na memória de seu povo, não hesitou. O espírito heroico superou a prudência, e o homem enfrentaria, com sua própria vontade, a ira dos homens e dos deuses. Para além do Pelida, encontramos, nos épicos homéricos, a expressão de facetas imutáveis de nossa condição mortal: a resolução de Odisseu e Penélope, que, utilizando de astúcia e persistência, rechaçam os desafios lançados por um destino adverso e conseguem, após muito sofrimento e decorridos muitos anos, um tocante reencontro; ou a arrogância de Agamenon que, ao desrespeitar o maior de seus guerreiros, põe em risco o futuro dos gregos em Troia.

Tal perspectiva também dialoga com a BNCC, posto que representa uma visão de mundo heroica que, não obstante o fato de apresentar uma época que já se passou, demonstra diversos pontos de conflito, ideias que se chocam e transformam, em discussões bastante pertinentes ainda hoje, como o valor do heroísmo, da vida, da ambição; o dever para com a família, para com a nação e para com os deuses. Nesse caso, a mídia escolhida é a literatura, e seu gênero de excelência é a epopeia antiga:

(EM13LGG102) Analisar visões de mundo, conflitos de interesse, preconceitos e ideologias presentes nos discursos veiculados nas diferentes mídias como forma de ampliar suas as possibilidades de explicação e interpretação crítica da realidade. (BRASIL, 2017, p. 483)

Outrossim, os PCN-EMs também podem encontrar no poeta grego manancial fecundo para o desenvolvimento de suas competências, uma vez que a humanidade desnudada nos épicos, e eloquentemente apontada por Carpeaux, também é matéria que deve ser desenvolvida em sala de aula pois “poderá assim fazer muito mais sentido para os estudantes, pois passa a ser entendida não como mero exercício de erudição e estilo, mas como caminho para se

alcançar, por meio da fruição, a representação simbólica das experiências humanas” (BRASIL, p. 58). Experiência essa que sintetiza a ira, o luto, o desejo de vingança, a execução de justiça, a determinação no retorno ao lar. Todas essas são facetas humanas que Homero, com grande sensibilidade poética, não deixou de registrar.

Corroboramos com Lesky (1998) quando aponta Homero como um autor capaz de retratar, em suas obras, as leis que regiam a atividade poética na Grécia Antiga de sua época e de períodos anteriores. Tal expressão marca, simultaneamente, a origem para uma literatura ocidental, e a conclusão amadurecida de um longo desenvolvimento artístico e cultural perpetrado por gerações de cantores, bardos e rapsodos. Assim sendo, conhecer Homero é compreender as bases de uma arte literária que nos alcança ainda hoje em sua relação com a poesia e com o mundo. O reconhecimento das imagens veiculadas por ele e da tessitura de seu texto deveria, em teoria, antever os estudos posteriores, fornecendo uma compreensão mais ampla da gestação das obras que o sucederam e das referências tomadas por elas em sua composição. Ao negligenciarmos o estudo de um período, ou ainda, ou ao explorarmos de forma superficial, sem assimilar suas imagens e fundamentos estéticos e formais, sentenciamos nossos discentes a um letramento literário de hastes soltas.

Tal posição encontra lastro nos PCN-EMs, uma vez que, como competência geral, o aluno deve “recuperar, pelo estudo do texto literário, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas, no eixo temporal e espacial.” (BRASIL, 2000, p. 74) Nesse sentido, basta dizer que compreender Homero é uma chave riquíssima para a interpretação manifestações culturais, como o jogo de computador *Hades*, e a série de quadrinhos *Lore Olympus*, discriminando de forma crítica as influências de sua fonte, bem como as liberdades e inovações criativas tomadas por seus autores. Com isso, é possível utilizar o cabedal clássico para a construção de conhecimentos contemporâneos e socialmente aplicáveis.

Torna-se relevante postular, ainda, que, apesar da postura dos documentos apresentados, o ensino didático no Brasil, mais especificamente o de literatura, para o período que denominamos Ensino Médio, baseia-se na vertente histórica-estruturalista. Tal problema torna-se ainda mais preocupante ao se considerar que é nessa faixa-etária o primeiro contato da maioria dos estudantes com uma disciplina específica para literatura. Traduzindo a percepção francesa de Todorov (2007) aos moldes brasileiros, o modelo supracitado baseia-se em as aulas de literatura enfocadas, primeiro, em uma contextualização histórica sobre o período, salientando os acontecimentos mais relevantes da época, e, apenas em seguida, na produção artística de seus autores. Não se consideram, nessa abordagem, os papéis do leitor e da

materialidade do texto em sua recepção. Assim, o literário torna-se mero produto do desenvolvimento sociocultural de seu período, e seus expoentes, consequências do meio em que estão imersos.

Nesse sentido, a BNCC é um guia que, em teoria, é capaz de apoiar o docente em sua prática, visto que, segundo a competência EM13LP01 (BRASIL, 2017), o aluno deve “relacionar o texto, tanto na produção como na recepção, com suas condições de produção e seu contexto sócio-histórico de circulação (leitor previsto, objetivos, pontos de vista e perspectivas, papel social do autor, época, gênero do discurso etc.”. Dessa forma, a literatura pode ser vista como manifestação orgânica de um artista, influenciado por um contexto histórico-social, mas também matéria a ser interpretada e interpelada por um leitor ativo, capaz de tirar as próprias conclusões e impressões.

Os PCN-EMs também prescindem de uma análise meramente historicista, uma que, apesar de sempre salientarem o estudo do estilo de época e do contexto social de produção das obras, pontuam como competência principal a ser estimulada no estudante a fruição. Assim, consideram mais significativo que “o ensino médio dê especial atenção à formação de leitores, inclusive das obras clássicas de nossa literatura, do que mantenha a tradição de abordar minuciosamente todas as escolas literárias, com seus respectivos autores e estilos.” (BRASIL, 2000, p.71). O bardo grego, nesse contexto, torna-se base imprescindível sobre a qual o conhecimento de obras clássicas pode se desenvolver.

Apesar desses parâmetros norteadores, tal metodologia inadequada ainda persiste em muitos centros de ensino no Brasil contemporâneo, o que compromete o contato do estudante com a arte literária. Entendemos, sob esse prisma manchado, muito pouco sobre os gêneros literários, suas características, mudanças, particularidades, e nos prendemos a uma abordagem biográfica em que os aspectos formais e estéticos da arte literária são muito pouco debatidos. Ainda assim, muitos livros didáticos negligenciam o papel da literatura clássica, e de sua realidade, como ponto de partida dos estudos literários, ofertando um espaço minimizado para a discussão sobre Homero e suas epopeias, retomando-o, muitas vezes, apenas como nota de rodapé na explicação de outros textos.

O ensino que não prioriza a abordagem literária, conforme Todorov (2007), advém da própria universidade francesa e de suas metodologias de ensino, que priorizam uma visão cosmopolita da literatura, exigindo do futuro professor de letras, ou do aluno em idade escolar, um conhecimento completo de cada uma das obras. Tal saber não é apenas estético, mas de todos as suas dimensões formais e de gestação. Para o autor, não existe uma desassociação óbvia entre os estudos acadêmicos e aplicação reflexiva literária no ensino médio. O professor,

então, acaba lecionando apenas aquilo que foi aprendido na academia, esquecendo-se das diferenças entre ambos os espaços de ensino.

O ensino médio não se dirige aos especialistas de literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo; o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários, é preciso ensinar aquela e não essa última. O professor de ensino médio fica encarregado de uma das tarefas mais árduas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem em uma ferramenta invisível. Isso não seria pedir ao professor um esforço excessivo, do qual apenas grandes mestres são capazes? Não nos espantemos depois se ele não conseguir realizá-lo a contento (TODOROV, p. 40, 2007)

Podemos apontar que um problema parecido ocorre no Brasil. Em nosso país, também há uma dissociação entre o ensino acadêmico e o aplicado na educação básica. A discrepância entre ambos os currículos, ou falta de conhecimento sobre a especificidade do ensino escolar, e a divergência das teorias basilares a serem seguidas em sala de aula desloca o ensino da prática. O professor de literatura aprende muito sobre os múltiplos eixos da literatura, mas não sabe como aplicá-los e como direcioná-los para um jovem no ensino médio. Assim, a fim de selecionar e restringir o que deve ser ensinado, temos aulas de literatura ancoradas, especificamente, nos livros didáticos.

Levando em consideração tais aspectos, o conteúdo apresentado no material de apoio acaba sendo a única fonte confiável de referências para os docentes, o que torna a precisão o conteúdo ali veiculado um aspecto importantíssimo para a formação do estudante. Compreendemos, dessa forma, que, para capturar o que será estudado nas salas de aula de literatura, precisamos, antes de tudo, perceber como os livros de apoio retratam seu objeto de ensino.

Assim, a fim de verificarmos a real importância dada pelos livros didáticos a um dos autores fundamentais de nossa tradição literária, decidimos analisar três livros didáticos do ensino médio de editoras particulares, todos lançados durante a primeira década dos anos 2000. O recorte de modalidade de ensino justifica-se ao considerarmos que é apenas nesse período que os estudantes são expostos a uma disciplina dedicada à literatura. Assim, objetivamos determinar qual a abordagem estipulada pelos materiais sobre Homero e suas obras, e quais os espaços definidos para esse conteúdo. Os livros analisados¹ são: 1. Ser protagonista box:

¹ Os três livros trazidos para análise, apesar de não pertencerem ao PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), foram selecionados graças a sua relativa atualidade e seu uso, ainda constante, por parte de diversas escolas particulares de referência da cidade do Recife. Consideramos que, mesmo não abordando obras que já obtiveram um selo de qualidade respeitável, podemos contemplar

literatura, ensino médio: volume único (2015); Literatura: Formação do Leitor Literário, volume único (2017); Projeto Múltiplo Literatura: Ensino Médio (2014)².

Levando em consideração a historicidade do trato da literatura pelo ensino básico, hipotetizamos que, ao tematizar Homero e o mundo clássico, os livros didáticos centralizam sua abordagem em dois momentos: a primeira é introdução sumária sobre as narrativas apresentadas na *Ilíada* e na *Odisseia* ao contemplarem a divisão dos gêneros literários; já a segunda, como curiosidade que acompanha a análise de outras obras épicas durante a história. De toda forma, esperamos que as características formais e estéticas que tornam a epopeia clássica universal sejam omitidos, e que boa parte da ambientação cultural que ela traz seja apagada dos debates.

1.0- O mundo de Homero e de sua poesia

Adquirir conhecimentos basilares para a construção de saberes essenciais sobre os homens e sobre a natureza secreta do mundo parece um princípio da idealização mitológica. Na mitologia nórdica, por exemplo, podemos encontrar a figura de Odin, o deus que abdica de sua visão, através de um sacrifício para alcançar a onisciência. Isto é, ele passa a compreender o mundo para além do que apenas seus olhos poderiam enxergar. No mundo grego, também, a verdade era vedada aos olhos mortais. Apenas o divino conhecia, em parte, o que estava por vir, e, à maior parte dos homens, inclusive de seus heróis, cabia tatear, desprovidos de luz, a estrada de seus destinos. Apenas no momento extremo da morte é que vislumbravam parte do que se escondia sob o tear das moiras. Poucos eram os abençoados com tal conhecimento, e pertenciam a grupos seletos: profetas, adivinhos, áugures e, segundo um olhar arcaico, o poeta, que, com seu canto inspirado pelas Musas, poderia contar a verdade sobre o que transcorreria, sobre o passado obscurecido pelo esquecimento.

O tema da cegueira, então, passou a ocupar um espaço primordial dentro da mitologia, em especial da clássica. Assim, a melhor literatura grega não é aquela que apresenta conflitos baixos ou trabalha as contradições de seus heróis, mas a que apresenta o povo em sua dimensão mais elevada, por meio de seus mais insígnis expoentes, e parte de um ambiente de discussão

exemplos de materiais didáticos que, de fato, são utilizados por professores em abrangência nacional. Além disso, nosso método de investigação pode, e deve, ser replicado em livros também aprovados pelo PNLD.

² Referências completas, em ordem de apresentação:

Vários autores. *Ser Protagonista BOX Literatura*. Edições SM. São Paulo, 2015.

MARCÍLIO, Fernando. *Literatura: formação do leitor literário*. Editora Moderna. São Paulo, 2017.

NÍCOLA, José. *Projeto múltiplo: literatura parte 1*. Editora Scipione. São Paulo, 2014.

coletiva, parte da história que fundamenta a vida do grego. Dessa forma, não é incomum encontrarmos a representação de Homero como um rapsodo cego de Quios. Ao perder o dom da visão, como o profeta Tirésias, ganhava, em troca o dom da vista, o da profecia. Ou seja, o canto homérico, em sua recepção primeira, carregava as reminiscências do tempo em que o poeta era, também, uma espécie vidente e de autoridade religiosa, ou que, no mínimo conhecia mais e com maior clareza do que o homem comum. Conforme Hauser (2003):

Sua cegueira é meramente o sinal externo da luz interior que lhe enche o ser e o habilita a ver coisas que os outros não podem ver. Essa enfermidade física expressa- tal como a claudicação do ferreiro divino Hefesto - uma segunda ideia que foi corrente em tempos primitivos, a de que um autor de poemas, ornamentos e outros produtos de arte manual só pode ser oriunda das fileiras daqueles que estão incapacitados para a guerra e a pirataria (HAUSER, p.54, 2003)

Assim, a representação homérica resguarda a ideia de um cantor semidivino, uma espécie de profeta, que narra grandes acontecimentos, pois sabe, com grande aprofundamento, a respeito de todos os fatos. Essa espécie de *vidente inspirado*, como diz o próprio Hauser, aproxima o leitor de um autor ideal: aquele que ainda possui ligação direta com as Musas e que, de forma confiante, sempre a evoca. A divindade do aedo parece retomar os ideais do universo arcaico, onde não há separação entre divino e sensível e a arte se manifesta através da memória e da inspiração. A época de Homero retrata uma poesia oralizada, onde, conforme Krausz (2007), cada membro da sociedade estabelece um vínculo com seu passado coletivo, e a escuta individual transcende limites da experiência imediata a fim de alcançar um âmbito não sujeito a materialidade, mas sim, um contato com o divino.

Compreendemos assim, que é papel da poesia oral, na Grécia Arcaica, situar a vida de uma comunidade num quadro cósmico, harmonizando, em um mesmo todo uniforme e coerente, as gerações de homens e seus deuses. Assim, o canto do poeta associa as realidades do mundo natural e humano, criando justificativas para a organização social e para o funcionamento da natureza. Mas, como nuncio desse funcionamento secreto, não poderia ser reservado a qualquer homem esse espaço, dessa forma, o poeta gozava de prestígio entre a população. Além disso, em um primeiro momento, a poesia deveria debruçar-se sobre todo o tipo de conteúdo ou cumprir todo o tipo de papel, por exemplo, enquanto uma diversão fulcral e popular. Conforme Krausz (2007), o aedo, ou rapsodo, era um papel político, ocupado em uma perspectiva palaciana, que precisava, a partir da arte, compactuar com o divino:

A tarefa dos aedos é conduzir as mentes de seus ouvintes ao encontro de um mundo oculto, povoado de feitos gloriosos; é deslocar sua visão da realidade concreta e imediata para outra, antes envolta nas trevas. Eles são capazes de descrever um mundo remoto e imaginário, que contém a memória de tudo o que foi, não menos real e verdadeiro, portanto, que a realidade concreta (KRAUSZ, p.23, 2007).

Por essa função ser tão específica, a própria posição ocupada pelo poeta é questionada em diversos momentos por distintos pesquisadores. Hauser, por exemplo, indaga que a figura mística construída de Homero não é una, mas sintetiza em si os esforços de diversas escolas de poetas que, através dos séculos, construíram e lapidaram todo o conjunto de histórias e mitos que viria, posteriormente, a compor as obras que conhecemos como *Ilíada* e *Odisseia*. Assim, Homero era situado em uma espécie de lenda. A imagem de Homero - cambiante entre um profeta-vidente e um menestrel errante- o torna dual para Hauser: ao mesmo tempo é filho das Musas, ilustre ponte com o sagrado, e um mendigo, cantor cego e eremita. A perspectiva de um Homero múltiplo, que encaminha através da arte seus ouvintes ao divino, remete a um momento anterior da cultura grega, situado no que se chama de período Micênico, ou palaciano, em que uma sociedade aristocrática floresceu em território grego entre os séculos XVI e XII a.C.

Corroborando com Hauser (2005), a poesia homérica, apesar de ser composta em um período posterior, nomeado homérico, em homenagem a Homero. Nela o poeta perde parte de suas funções religiosas, mas ainda veicula uma visão de mundo anterior, primitiva: a poesia funcionava para expor ideias e sentimentos coletivos através de fórmulas mágicas, oráculos e rezas, carreadas por um autor anônimo. Esta época, que se expande dos fins do séc. XII ainda descreve a sociedade aristocrática, palaciana e guerreira do passado, mas embebida de todo o material mitológico e sagrado da poesia. Assim, a arte instaura para si mesma uma Idade Heroica com as aventuras de seus heróis. Cantava as glórias de grandes reis e guerreiros, bem como o fascínio de grandes batalhas e conquistas. Percebemos, assim, que o elemento mítico já é apresentado no interior do conceito de poesia, e é anterior ao próprio Homero. No entanto, conforme nos distanciamos culturalmente dessa época dourada, poderemos perceber uma modificação da função social e do *status quo* concedido ao poeta grego, que também se reflete nas épicas homéricas:

Com o início da idade heróica, mudaram completamente a função social da poesia e a posição social do poeta. A visão secular e individualista da belicosa classe superior confere novo conteúdo à poesia e novas atribuições ao poeta.

Este agora abandona o anonimato e o distanciamento sacerdotal, e a poesia perde seu caráter ritual e coletivo (HAUSER, p.57, 2003)

Na idade heroica, a poesia possuía como principal função levar os homens à guerra, alertando-os sobre a importância dos grandes feitos. Após esse momento, a arte passa a ser compreendida enquanto um divertimento para aqueles que retornam da guerra, explorando o destino de indivíduos heroicos, representantes e modelos do que se esperava do herói grego. Esses homens escutavam a narrativa como em uma derradeira tentativa de se encontrar tematizados nelas próprias, identificando-se com a elevação do outro. Na Grécia, a maior honra de um homem era alcançar o *Kléos Afthion*, isso é, a imortalidade a partir de grandes feitos. A ideia do gênero poético enquanto diversão, ou desejo de eternizar seus feitos e conquistas, ainda perdura, atualmente, a partir da manutenção de uma arte literária que é protagonizada por indivíduos parecidos com aqueles que a consomem. Tal relação entre o público e o ideal literário de ser ainda se faz presente no mundo contemporâneo. Assim, ao inúmeras são as releituras, biografias, dramatizações e romantizações da vida de ícones da vida real, e ainda mais comuns são as obras que descrevem personagens que representam aquilo que concedemos como o mais elevado potencial de humanidade. Percebemos, dessa forma, que conhecer a obra antiga é entrar em contato íntimo com essa construção de modelos e, a partir dela, com a própria essência cultural desse povo.

Ademais, corroboramos com Hauser quando este afirma que a poesia não mais incita os heróis à guerra, mas procura divertir os homens a partir de uma tessitura de elogios acerca de grandes feitos, perpetuando a glória de um herói. Assim sendo, não temos, nesse primeiro momento, histórias que retratam conflitos trágicos, mas a abordagem de um gênero que explora a reavaliação dos padrões morais vigentes, uma vez que “toda arte antiga realiza o desejo de fama e consagração aos olhos dos contemporâneos e da posterioridade”. (HAUSER, p.58, 2003). Ou seja: a poesia que, antes, possuía uma visão lírica, se torna épica.

Podemos pontuar que a tentativa de consolidar homens enquanto guerreiros para a posterioridade obteve êxito. Isso porque, até os dias atuais, a posição dos homens retratados na literatura é debatida pelos contemporâneos, através de adaptações cinematográficas, séries televisivas e literárias, filmes, livros infantojuvenis e, ainda, didáticos. No entanto, corroborando com Brandão (2005), a versão perpetuada desses heróis em novos suportes dialoga, muito pouco, com suas diegesis originais, mas retomam um princípio contemporâneo adaptado para a realidade do século XXI. Ainda assim, o conhecimento de suas origens torna-se relevante, principalmente, na análise comparada entre eles. Podemos, assim, descobrir as

escolhas dos autores em suas adaptações e os possíveis significados que essas mudanças podem adquirir à luz de outras possibilidades.

Essa espécie de reportagem de guerra, como levantado por Hausser, deságua em uma rapsódica homérica que narra as façanhas de um personagem principal, recitado por um único narrador. A divindade na literatura homérica resguarda dois principais momentos, ao qualificar o rapsodo, que sempre se usa como médium da voz das Musas, e na figuração de um protagonista. Conforme Krausz (2007), a intervenção divina direta em assuntos deveras particulares é um privilégio de uma minoria de heróis, estes, muitas vezes, descendentes diretos dos deuses e membros de uma categoria separada do homem comum, como Odisseu, Aquiles etc. Não apenas o protagonista é aquele que tem contato direto com o divino, mas aquele que através de suas ações, personifica atos significativos para o grupo social. Assim, Diomedes, inferior apenas a Aquiles em combate, reconhece a intervenção dos deuses na guerra de Troia e chega a ferir a própria Afrodite enquanto ela resgatava um de seus filhos.

Como dito anteriormente, a poesia homérica não pode ser considerada popular, isso porque, devido à arquitetura dos poemas, percebemos a existência de uma escolástica rapsódica, ou seja, independentemente de quem seja Homero, sua poesia retrata uma perspectiva pouco campestre e mais feudal, como postula Hauser. São retratados, assim, os problemas da corte e os feitos dos grandes e ricos heróis, levantando a probabilidade de um poema palaciano. Segundo o estudioso, a visão moderna de um poeta único perpassa a difusão romântica vigente no século XIX, capaz de evidenciar nele a existência de um gênio poético incomparável, o que seria mais prático e interessante de ser associado pela população do século XIX, como abordaremos melhor a seguir. Por seu caráter oral e metafísico, Hauser aponta a épica homérica como continuação direta da idade heroica, em que os ideais de guerreiro, da guerra e do valor da vida humana dão vazão a uma visão palaciana e aristocrática de sociedade muito anterior ao séc. VIII. Homero torna-se, assim, uma ponte robusta e estética para uma maneira de encarar a existência ainda mais arcaica que sua época.

Apesar de sua influência determinante na arte romana, conforme Malta (2012), a épica sofreu abruptas modificações desde sua inserção ocidental. Segundo Brandão (2005), os textos gregos, teóricos e literários, tiveram pouca aderência no período medieval, sendo conhecidos, especialmente, pelo alto clero. Assim, possuíram pouca influência sobre a criação das cantigas medievais ou novelas de cavalaria, por exemplo, a despeito de existir o ciclo mitológico de histórias, muito inspirado pela influência helênica. Bem verdade, a primeira edição impressa da Poética de Aristóteles em língua latina, por exemplo, só será lançada em 1503. Ainda assim, corroborando com o autor, o texto aristotélico é um dos mais lidos do mundo antigo,

provocando inúmeras formulações definidoras do funcionamento literário de diversas épocas, que levam em consideração não apenas os escritos do estagirita, mas a visão literária vigente em seu contexto cultural.

A próxima grande ressurreição da influência greco-romana na cultura ocidental ocorreu nos *humanistas italianos*, que não apenas criaram uma espécie de doutrina aristotélica, como remodelaram seu texto, levando em consideração suas próprias vicissitudes, conforme Brandão (2005). Essa primeira leva dos estudos clássicos possuía uma preocupação homogênea de entender os moldes clássicos, revisitando-os. “Independente do maior ou menor significado de cada um daqueles estudiosos renascentistas, o que importa notar é a homogeneidade de suas preocupações: conhecer, explicar, difundir as formulações aristotélicas” (BRANDÃO, p.02, 2005). Percebemos assim, que no período em questão existia uma preocupação em compreender a estilística clássica, a fim de aplicá-la em uma nova poética, criada pelos próprios humanistas. A tentativa de encarar isoladamente alguns conceitos aristotélicos, como a catarse e a verossimilhança, no intuito de gerar reflexões acerca da literatura, permanece até os dias atuais, em especial na perspectiva do livro didático, como veremos a seguir.

Para além das reflexões humanistas, existiu uma redescoberta de Homero, assim como dos textos teóricos e literários greco-romanos, no século XIX, durante o Romantismo. Isso porque, além do respeito que poetas como Goethe e Schiller ofereciam à “poesia ingênua” dos antigos, Nietzsche redefine a leitura da Poética aristotélica cristalizada no início do século XIX, refletindo, a partir desse texto basilar, questões como o gênio romântico, a natureza e o homem. A visão do pensador, ainda que pautada nos pressupostos filosóficos e estéticos de seu tempo e em sua excelência literária, ainda reverbera nos estudos literários atuais. Esta supremacia, para Brandão, pode ser considerada um grande problema, afinal, é de extrema relevância que, no estudo de um livro específico, as discussões sejam pautadas no próprio texto, com pouca influência de teorias de épocas anteriores ou posteriores.

Ainda no Romantismo, temos a vigência dos primeiros manuais literários escolares que levavam em consideração a literatura grega. Neles, a perspectiva nietzschiana, na qual conceitos isolados procuravam refletir sobre um todo, ainda podia ser encontrada:

Esses manuais sintetizaram um momento do longo e lento processo de enrijecimento das primitivas reflexões sobre a literatura. A crença na possibilidade de disciplinar a força criativa interior, isto é, o talento ou o engenho, através da habilidade técnica fornecida pela arte (conceito latino que traduz a palavra *techne*) estava na origem dos manuais e representa, em princípio, um esforço da razão por encontrar explicações para a natureza e o funcionamento da obra literária. Do ato de reflexão, que cria um

conhecimento, à transmissão deste em forma de preceito ou de regra foi um passo que a escola se encarregou de dar. (BRANDÃO, p.04, 2005)

Posto isso, conseguimos perceber que, desde o princípio da escolarização de uma literatura greco-romana, já existe um processo de simplificação dos ideais gregos, em que diversos princípios são diluídos e apresentados de forma sintética e rígida. A catarse, a verossimilhança, assim como outros fenômenos, deixam de funcionar enquanto fontes vivas de impacto estético bem tecidas e oriundas da lógica interna das obras, para a constituição primeira dos gêneros literários, e passam a ser vistos enquanto rigor formal, momentos que, a despeito das necessidades próprias impostas por cada obra, devem estar presentes.

Ainda segundo Brandão (2005), essa visão paralisante do gênero perseverou nos manuais didáticos brasileiros, como pode ser observado no material do Colégio Pedro II do Rio de Janeiro:

Os antigos e primeiros ordenadores das regras e preceitos tiveram a intuição da verdade; estudaram muitos acuradamente as leis eternas e imutáveis da inteligência humana e por isso irá sempre muito seguro aquele que lhes for ao encalço (BRANDÃO, 2005, p.05)

Dessa forma, compreendemos que a visão brasileira do ensino da literatura clássica, mais especificamente do texto épico, inicia-se a partir de um pensamento político e ideológico paralisante, que advém de estudos europeus, muito anteriores. Ao tomarmos posse dessas informações, cumprimos dupla função: a primeira é cotejar o conteúdo veiculado pelo material com uma fundamentação teórica mais acadêmica sobre o gênero, e, assim, mais próxima da pesquisa científica atual, descobrindo pontos de correspondência e contradição entre ambos; já a segunda é explorar as raízes de uma discussão que se estende por toda a história do Ocidente, mobilizando algumas das mentes mais brilhantes dos estudos literários. Com isso, não apenas descobrimos como um gênero funcionava em seu meio arcaico, mas também como cada sociedade o interpretou e modificou.

2.0 O livro didático

Iniciamos o presente trabalho debatendo a relevância de Homero para a construção do *paideuma* literário. Nesse momento, pretendemos ampliar ainda mais esse diálogo, junto ao leitor, explorando como as temáticas próprias do gênero épico, como a narrativa de feitos grandiosos, foram perpetuadas por intermédio da evolução do próprio gênero e no eco por ele

criado em diversas mídias durante o decorrer da história. No entanto, dentro da sala de aula atual, acreditamos ter o livro didático papel central na divulgação do gênero em seus moldes antigos e do autor da *Ilíada*. Não dizemos, assim, que o material é o instrumento único para compreensão dos alunos, mas que deve ser encarado enquanto auxiliar no trabalho do professor, haja visto que ele representa a fonte de conhecimento mediadora que relaciona as instâncias: Estado-currículo-professor-aluno-sociedade. Assim sendo, para o seguinte trabalho, vamos estabelecer a definição de Livro didático (LD) como a de Batista (2003), em que este é:

Um instrumento que favoreça a aprendizagem do aluno, no sentido do domínio do conhecimento e no sentido da reflexão na direção do uso dos conhecimentos escolares para ampliar sua compreensão da realidade e instigá-los a pensar em perspectiva, formulando hipóteses de solução para os problemas atuais. (BATISTA, 2003, p.43)

Os livros didáticos, atualmente, trabalham com os mais diversos temas, apresentados através de múltiplos gêneros textuais, expositores diversos e questões de sondagem. Um deles é a Grécia Clássica, um pouco de sua construção histórica e social, mas, mais especificamente, o gênero épico com Homero, principalmente no contexto de uma explanação inicial sobre os Gêneros Literários. O épico, conforme Aristóteles, fonte principal mobilizada pelos materiais escolares, pode ser definido enquanto o maior de todos, ao lado do Lírico e do Dramático. Muito já foi postulado acerca das possíveis organizações do fenômeno literário, mas o estagirita e sua taxonomia ainda são os mais retomados quando o assunto é esse tema.

Tal gênero foi representante último da poética clássica, sendo usado como referência primordial de autores como Virgílio no séc. I d.C., de Camões, em Portugal, no séc. XVI e em toda a tradição épica subsequente. Hipotetizamos, porém, que o gênero será demonstrado nos livros didáticos como conhecimento subordinado à contextualização do mundo grego e do conceito de Gêneros Literários. Dessa forma, não apresentará aos jovens outras variadas mídias semióticas que podem ser usadas para enriquecer a abordagem homérica, observando os elos que esta cria com o presente e com a tradição, ou, ainda, engajar o professor a fazer o mesmo. Além disso, deverá ocorrer uma simplificação extrema dos aspectos formais que compõem o gênero e das relações entre poeta-público-mundo que ele cria em seu contexto cultural. Tal movimento colabora para o esquecimento da tradição clássica e para a pobreza na análise do diálogo entre obras atuais com suas influências.

Corroborando com a perspectiva de Chervel (1990), faremos uma discussão analítica sobre os elementos centrais que constituem o livro didático, que são: 1) Os conteúdos

escolhidos para trabalhar determinada temática. Assim, não perceberemos, apenas, se o material trouxe ou não Homero, mas como buscou retratá-lo. Que características do autor e de sua época mobilizou? Quais de suas obras pontuou como exemplo? O que sobre elas expôs? Suas características formais? Seu enredo? Seus temas? Seu impacto na sociedade grega? O legado deixado por elas? 2) Os exercícios propostos, observaremos no livro quais reflexões ele sugere ao estudante, qual o enfoque dado por elas e quais dos conteúdos supracitados o material considera dignos de revisão. Além disso, analisaremos como as estratégias didáticas utilizadas em sua composição contribuem para a formação do saber discente.

Optamos, dessa forma, pela compreensão do livro didático enquanto um gênero discursivo cujo principal intuito seria “apresentar para os leitores um conjunto de saberes escolares que passam por um complexo sistema de escolha curricular, envolvendo diferentes representações do que seja ensinar língua portuguesa” (BUNZER, 2005, p. 363). Acrescemos ao discurso de Bunzer (2005) que tal material não deve apenas ensinar língua portuguesa, mas apresentar ao estudante expressões culturais diversas por meio do português, expandindo sua visão ao colocá-lo em contato com formas próprias de ver a realidade de diferentes épocas, sociedades e subjetividades. Dessa forma, podemos dizer que a função do material de apoio não se encerra em uma apresentação uníssona do mundo, mas busca expressar diferentes representações de ensino através da língua portuguesa. Como sabemos, nossa língua é uma variante viva, capaz de expressar culturas e forma de viver em sociedade. A visão de Bunzer (2005) dialoga diretamente com a lei de diretrizes e bases comuns da educação nacional (LDB), quando essa expõe que é dever do livro didático e da sala de aula:

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao **patrimônio cultural da humanidade**, bem como participar de **práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural**, com respeito à **diversidade de saberes, identidades e culturas**. (BRASIL, p.224, 2011 *grifos nossos*)

Assim, o esse objeto é a primeira expressão para conhecimento das múltiplas culturas. A partir dele, o sujeito deve ser apresentado às práticas de produção artística mais diversas ao redor do mundo e compreendê-las em seus constituintes formais, sociais e culturais. É função, então, desse material, apresentar ao estudante a literatura clássica - Homero e a tradição que a ele sucede- não apenas devido à sua importância para a construção do *paideuma* Ocidental ou para a educação do mundo clássico, como defende Jaeger (2020), mas pela própria experiência de conhecer uma cultura artística distinta da nossa que, no entanto, deu bases para a construção

do que chamaremos, quase vinte séculos depois, de literatura em língua portuguesa e de cultura do ocidente.

É preciso, por profunda necessidade histórica, voltar os olhos para o impulso criador do nosso povo, penetrar nas camadas mais profundas do ser histórico em que o espírito grego, estritamente vinculado ao nosso, deu forma à vida palpitante que ainda em nossos dias se mantém [...] O mundo grego não é só o espelho onde se reflete o mundo moderno na sua dimensão cultural e histórica ou um símbolo da sua autoconsciência racional. (JAEGER, 2020, p. 7)

Porém, será que nossos manuais escolares realmente exploram essa riqueza? Se sim, o fazem de forma adequada?

Bunzer (2005) aponta que cada livro didático deve perpassar dois pontos: (i) uma análise lexical, gramatical, textual e discursiva que trabalha com leitura de textos e/ou com conhecimentos linguísticos e (ii) a produção de textos (orais, escritos, visuais, multimodais). Assim, ao explorar Homero e sua obra, não esperamos que os materiais apenas o apontem apenas como primeiro expoente conhecido do que chamamos de literatura Ocidental, mas que criem diálogos com a tradição que o sucede e auxiliem os jovens a contemplar a arte da palavra desde suas origens mais remotas. Isso deve ser feito por meio do contato direto com as obras, além do conhecimento de informações históricas, culturais e formais sobre a constituição do gênero e sua relação com o povo que o gestou.

Dessa forma, haverá a reflexão sobre o texto e a resposta a suas perguntas fundamentais, efetuadas, através da história, por cada leitor de Homero, levando em consideração aspectos: gramaticais, textuais e discursivos, seja no cotejo das obras antigas com textos orais, visuais e multimodais de nossa tradição. De modo algum acreditamos que os livros devem explanar o texto como pretexto de ensino gramatical, mas conceituá-lo levando em consideração um todo, autenticando, inclusive, seu ensino em sala de aula.

2.1 Aristóteles, os Gêneros Literários e os épicos de Homero

Escolher um objeto de ensino implica um processo de seleção de bens culturais específicos e de sua adaptação didática, o que, necessariamente, envolve diversas metodologias. Dos três livros didáticos analisados, três optaram por trabalhar Homero dentro de um capítulo intitulado: *Gêneros Literários*. Assim, não apenas retratam a relevância de Homero no texto, mas explicitam sua relação direta com teorias clássicas sobre a constituição da literatura, mais especificamente dialogando com os postulados de Aristóteles e Platão.

Porém, esperamos que sejam explorados de maneira rasa, omitindo conteúdos basilares de sua teoria, e que sejam olvidadas as contribuições de outros autores para a discussão. Dessa maneira, o material pedagógico falha em sua proposta de formação ampla do discente.

Como exposto anteriormente por Bunzer (2005), ao explicitar uma temática, é dever do LDP contextualizá-lo, sem abandonar, contudo, a precisão e a relevância das informações abordadas. Além disso, os sabres veiculados devem estabelecer elos coerentes com a realidade dos estudantes, o que, nosso caso, implica o entrelaçar de Homero com seus diversos ecos contemporâneos.

Conforme Moisés (1971), o gênero literário designa famílias de obras dotadas de atributos iguais ou semelhantes. No entanto, para o autor, estes não devem ser vistos como moldes fixos, mas sim como partes de uma estrutura em que a tradição milenar pontua enquanto básicas para a expressão do pensamento e da forma de compreender a realidade que os circunda. Nos livros observados, a percepção de Moisés aparece de forma regular, seja a partir de citação direta, como na coleção do *Projeto Múltiplo*, ou como apontamento indireto na coleção *Ser protagonista BOX*. Após a compreensão do que é um gênero literário, e da relevância de uma percepção não estanque sobre seus constituintes, as coleções apresentam a visão Aristotélica de gênero literário, dividindo os gêneros em *épico*, *dramático* e *lírico*. Porém, são omitidas considerações nucleares sobre a constituição do épico. Não são abordados, por exemplo, o esquema métrico utilizado, a utilização de fórmulas arquetípicas, o que saliente a difusão oral do texto, a caracterização das personagens, a elevação da linguagem e sua relação com a ação dos textos.

O primeiro contato com Homero, então, se dá como exemplo, inserido no debate sobre o épico, de autor de obras como a *Odisseia* e *Iliada*. E em alguns dos LDPs, a discussão se encerra nesse instante. São omitidas assim, todas as discussões sobre a figura do bardo, a polêmica de sua real existência, sobre sua relevância no contexto grego, sobre a função do poeta e da poesia nessa época, sobre a oralidade impressionante de seu estilo. Dessa forma, o aluno obtém apenas uma contextualização rasa que pouco colabora para o entendimento do fenômeno do épico arcaico e das obras que nele se inspiraram.

3.0 A presença de Homero no livro didático: uma análise

3.1 Livro Projeto Múltiplo: Literatura

A obra Projeto Múltiplo dedica, em sua edição, oito páginas para a explanação do mundo grego, aplicando a relação direta entre a construção dos gêneros e a formação da literatura Ocidental. O livro é dividido nos seguintes tópicos: “O que são gêneros literários”, “A divisão aristotélica”, “O gênero épico - características temáticas; características de estilo/estrutura”; “Homero e Virgílio”; “O gênero épico atravessa os tempos”. Posteriormente, ele ainda levanta o gênero dramático, que não será debatido em nossas discussões. Observa-se, nesse primeiro contato, ao menos, um interesse em explorar a temática de maneira mais aprofundada.

Inicialmente, o livro se predispõe a apresentar o que são gêneros literários, conceitualizando ao leitor o que é um gênero sob da perspectiva de Moisés, e posteriormente, apresentar a visão clássica, ou seja, a aristotélica, do que eles são e como se constituem. O Projeto Múltiplo, desde o primeiro momento, busca apresentar ao seu leitor que a marca do estagirita foi definidora para a compreensão e estabilização do que entendemos como gênero. A seguir, ele se predispõe a explicar qual a divisão aristotélica sobre o assunto, mostrando que, para o autor, toda a literatura advém da poesia. Além disso, expõe, em uma tabela, os gêneros segundo a visão dominante do filósofo: épico, dramático e lírico. É interessante a abordagem do livro no presente assunto, pois, ainda que não traga a reflexão e distinção entre história e poesia, apresentada pelo próprio Aristóteles em sua Poética, o material consegue mostrar que, para uma obra ser considerada literatura, é imprescindível que exista uma ideia de mimese, ainda que sem utilizar essa expressão.

Portanto, a poesia é mais filosófica e tem um carácter mais elevado do que a História. É que a poesia expressa o universal, a História, o particular. O universal é aquilo que certa pessoa dirá ou fará, de acordo com a verossimilhança ou a necessidade, e é isso que a poesia procura representar, atribuindo, depois, nomes às personagens (ARISTÓTELES, p.54, 2015)

O livro consegue abordar essa ideia de literatura como uma narrativa verossimilhante, retirada do mundo do possível e do crível, não da realidade. Além disso, aponta o gênero épico como a palavra narrada; o gênero dramático como a palavra representada e o gênero lírico como a palavra cantada. Ainda que essas definições nos pareçam bastante genéricas, e retiram

do ato performático da arte antiga o constituinte musical que encantou seus leitores, elas, de forma sucinta, conseguem apresentar parte do essencial para a compreensão moderna do fenômeno literário. Posteriormente, o material apresenta o gênero épico e algumas de suas particularidades temáticas e estruturais. Inicialmente, o livro amplia a visão debatida na pequena tabela através da apresentação da uma das formas narrativas encontradas no épico: a epopeia.

Imagem 01 - O gênero épico no Projeto Múltiplo

ordem, o enquadramento da produção literária em gêneros volta a ser discutido. Foi o que ocorreu, por exemplo, na Roma de Horácio (cerca de 30 a.C.), no Renascimento (início do século XVI), no Romantismo (passagem do século XVIII para o XIX) e ao longo do século XX, com seus movimentos de ruptura.

Assim, chegamos a este início de século muito contaminados pela herança do que se convencionou chamar de arte moderna, que rompeu as barreiras que definiam as fronteiras entre um gênero e outro.

No entanto, ao longo dos séculos, sempre houve uma constante, quer seja para reafirmar, quer seja para contestar: a base para todas as reflexões tem sido a classificação aristotélica; e o tempo todo falamos em gênero lírico, épico e dramático.

A divisão aristotélica

Na Grécia clássica, os textos literários eram escritos em versos e, dependendo de suas estruturas e temas, dividiam-se em três gêneros, que representavam as manifestações literárias da época:

Poesia

- O GÊNERO ÉPICO:** narrações de fatos grandiosos, centrados na figura de um herói. Segundo Aristóteles, a **palavra narrada**.
- O GÊNERO DRAMÁTICO:** textos destinados para a representação cênica, ora na forma de tragédia, ora na forma de comédia. Segundo Aristóteles, a **palavra representada**.
- O GÊNERO LÍRICO:** textos de caráter emocional, centrados na subjetividade dos sentimentos da alma. Segundo Aristóteles, a **palavra cantada**.

O gênero épico

Epopeia é uma narrativa de caráter sublime, em forma de poesia, que tem como eixo central a figura de um herói e façanhas grandiosas, misturando elementos da vida terrena com elementos lendários e mitológicos.

Características temáticas

- Aventura de um herói e suas façanhas guerreiras, tendo como pano de fundo a história de povos e civilizações.
- Aristóteles afirmava que a epopeia "era a imitação de homens superiores, em verso".
- Presença do maravilhoso: interferência dos deuses da mitologia greco-romana.

Características de estilo/estrutura

- Poema narrativo (narração em terceira pessoa de fatos passados), dividido em Cantos (ou Livros), marcado pela objetividade.
- Em geral, apresenta as seguintes partes: Introdução, Invocação, Narração e Epílogo.

Os gêneros literários: a tradição aristotélica 57

Nessa breve explanação, o livro não busca apresentar quais obras fazem parte do gênero épico, mas apresenta, de forma breve, o que pode conter em uma epopeia, seus constituintes formais e temáticos. Nas duas subseções posteriores, ainda vemos o diálogo com Aristóteles e, de certa forma, a apresentação da Odisseia, sem citá-la. Apesar disso, algumas informações essenciais foram deixadas de lado ou pouco explicadas. Tais concernem a relação do texto com a cultura grega e seus ideais de heroísmo, moral e cívico. Esse detalhamento é importante na medida que Aquiles não é um herói como o conhecemos hoje. Não cuida dos mais fracos, ou persegue o bem. É heroico no modelo antigo, com um guerreiro imbatível, de honra inquestionável e feitos de combate imorredouros; é orador competente, domina a capacidade de boa expressão e conhece com certa intimidade o trabalho das artes. Ambas características muito caras ao homem grego.

Além disso, as ações descritas na epopeia não são sublimes no sentido que se atribui hoje. São elevadas na expressão linguística, que não se furta a símiles edificantes e adjetivos que adornam seus heróis com a riqueza, em ouro e beleza, que merecem semideuses, reis e outros homens superiores, até descrevem certa relação com o sagrado, ao ilustrar em grande detalhe rituais religiosos e a ação dos deuses. Porém, também abordam aspectos grotescos aos olhos modernos, como a carnificina e a morte. Aquilo que une dos dois extremos é, como abordará Carpeaux (2012), a nobreza da linguagem e da ação.

Torna-se relevante apontar, também, que ao expor a característica de estilo, o livro didático opta por apresentar o gênero épico como objetivo e não subjetivo, ainda que a subjetividade seja intrínseca à literatura. Não entendemos por que isso ocorreu, uma vez que o uso equivocado da palavra parece apresentar o livro menos como poesia, e mais como o retrato pouco ficcional do povo. Trazemos como possível razão uma corrupção da abordagem que apresenta Carpeaux do estilo homérico, ao criticar um suposto “realismo” da expressão poética do antigo poeta: “o estilo de Homero seria ‘rápido, direto, simples e nobre’. As três primeiras qualidades definem o Realismo; pela quarta, distingue-se Homero de tudo o que é realista.” (p. 20). “Rápido, simples e direto” são adjetivos que, comumente, podem ser trocados por “objetivo”, sem perda grande de sentido na frase. Porém, no caso apresentado, são extremamente relevantes, pois, ao ignorar-se o quarto e mais importante aspecto, a nobreza, furta-se de Homero o encanto que enleou a humanidade por séculos.

As fadigas físicas, a comida, o amor nas suas expressões físicas, tudo entra em Homero, e as palavras grandiloquentes sobre deuses e heróis dariam só um contraste desagradável com a realidade da vida descrita, se não fosse aquela quarta qualidade do estilo homérico: tudo parece dignificado, nobre, e não pela

escolha de eufemismos, mas pelo emprego de adjetivos e comparações estereotipados. [...] Homero – ou como quer que se tenha chamado o poeta, não importa, consegue o milagre de dar vida verdadeira em fórmulas fixas, em clichês (CARPEAUX, 2012, p. 20)

O próximo subtema trabalhado no livro, intitula-se: Homero e Virgílio. Esta é a parte mais cara do material para nossa análise:

Imagem 02 - Homero (Livro: Projeto Múltiplo)

Homero e Virgílio

Homero

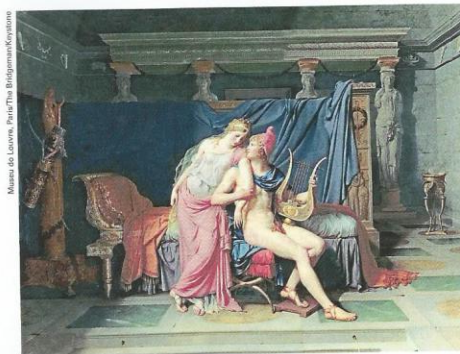
Homero, poeta épico por excelência, é autor de duas obras que influenciaram a literatura universal: *Ilíada* e *Odisseia*, ambas tendo como pano de fundo as lendárias histórias da Guerra de Troia. Os heróis homéricos são agressivos e ferozes nas batalhas, mas pacíficos e justos na vida cotidiana. A propósito da *Odisseia*, Otto Maria Carpeaux considerou certa vez que a obra é “a bíblia estética, religiosa e política dos gregos que se transformou na bíblia literária da civilização ocidental inteira”.

Os textos homéricos foram criados por volta do ano 750 a.C. e sobreviveram durante dois séculos graças aos aedos, poetas-cantores, que os reproduziam oralmente; só ganharam registro escrito por volta do ano 500 a.C. São eles:

- **Ilíada** (do grego *Ilios*, relativo a Ilion ou Troia):
 - **herói**: Aquiles, filho de Peleu e da deusa Tétis, foi o mais valoroso guerreiro grego.
 - **argumento**: *Ilíada* narra episódios do último ano da Guerra de Troia, centrados na cólera de Aquiles (o exército grego era comandado por Agamêmnon, irmão de Menelau;

Agamêmnon se desentende com Aquiles, que abandona as lutas; ante várias derrotas sofridas pelos gregos, Aquiles retoma os combates e mata Heitor, filho mais velho de Príamo e principal guerreiro troiano).

- **estrutura**: 15 693 versos distribuídos em 24 cantos.



Os amores de Helena e Páris, de Jacques-Louis David, c. 1788. O pintor francês retrata o casal Páris e Helena; ela, a famosa esposa de Menelau, rei de Esparta, considerada a mulher mais bela do mundo; ele, filho mais novo de Príamo, rei de Troia. O rapto de Helena por Páris durante a ausência de Menelau deu origem à Guerra de Troia e inspirou a *Ilíada*, de Homero.

- **Odisseia** (do grego *odusseia*, de *Odusseus*; em latim, *Ulysses*; em português, Ulisses):
 - **herói**: Ulisses, rei de Ítaca, ilha grega no Mar Jônico.
 - **argumento**: o poema está dividido em duas partes: a primeira retrata o distanciamento do herói Ulisses de seu lar, as angústias de Telêmaco, o filho, e de Penélope, a esposa, que se via às voltas com inúmeros pretendentes; a segunda, a longa volta de Ulisses para casa. O herói ficou vinte anos longe de Ítaca: dez anos participando da Guerra de Troia e dez anos enfrentando os mais diversos obstáculos em sua viagem rumo a Ítaca, de volta.

Penélope e os pretendentes, de John William Waterhouse, 1912. A tela do pintor inglês retrata a horda de pretendentes que se aproveitam da longa ausência de Ulisses para cortejar sua esposa Penélope.



Penélope e os pretendentes, de John William Waterhouse, 1912. A tela do pintor inglês retrata a horda de pretendentes que se aproveitam da longa ausência de Ulisses para cortejar sua esposa Penélope.

Imagem 03 - Homero (Livro: Projeto Múltiplo)

Leia, a seguir, a estrofe da *Odisseia* em que Penélope discorre sobre a natureza dos sonhos; o Estrangeiro com quem ela dialoga é Ulisses, que acabara de retornar a Ítaca e se *disfarçara* de mendigo.

E então a sábia Penélope respondeu-lhe novamente:

“Estrangeiro, os sonhos são verdadeiramente confusos, ambíguos e, para os homens, nem tudo se cumpre.

Pois são dois os portões dos tênues sonhos:

um é feito de chifre, e o outro de marfim.

Os sonhos que passam através do cerrado portão de marfim

enganam, trazendo promessas que não se cumprem;

mas, os que saem pelo polido portão de chifre,

esses se cumprem, para os mortais que os veem.”

Disponível em: <<http://greciantiga.org>>. Acesso em: 8 abr. 2014.

Virgílio

Virgílio foi um dos mais importantes poetas latinos, de estilo erudito e evidente inspiração nas obras de Homero. Entre suas obras, destaque para o poema épico *Eneida*, que narra a lenda da fundação de Roma e exalta a grandeza do Império Romano.

Os heróis virgilianos são corajosos e especialmente piedosos. Costuma-se dizer que os versos de Virgílio apresentam três palavras de ordem: virtude, justiça e piedade.

- **Eneida** (de Eneias, príncipe troiano, figura central na lenda sobre a fundação da cidade de Roma):

- **herói**: Eneias, troiano, filho de Anquises e da deusa Vênus, pai de Ascânio, fundador de Alba Longa, onde nasceram Remo e Rômulo.

- **argumento**: Eneias, após combater ao lado de Heitor na Guerra de Troia e ver sua cidade arrasada pelos gregos, empreende longa viagem que termina nas margens do Rio Tibre. Aí é recebido por Latino, rei da região que mais tarde ficaria conhecida como Lácio, e desposa sua filha Lavinia. Após a morte do sogro, Eneias torna-se rei do Lácio. De sua descendência sairão os fundadores da cidade de Roma.

- **estrutura**: 9 826 versos distribuídos em 12 Cantos.

Leia, a seguir, o trecho correspondente aos sete primeiros versos da *Eneida*, que funcionam como apresentação do tema a ser desenvolvido (pelas evidentes dificuldades de adaptar os versos latinos, o mais comum é encontrarmos o poema em prosa):

Canto as armas e o varão que, proveniente das praias de Troia, fugindo por força de seu próprio destino, foi o primeiro a chegar à Itália e aos litorais lavinios; foi ele atirado de um lado para outro, nas terras e no mar, pela força dos deuses, pela ira memorável da cruel Juno, e sofreu muito na guerra até que construísse uma cidade e introduzisse os deuses no Lácio, de onde procedem a geração latina, os velhos albanos e os muros da altiva Roma.

Disponível em: <cpaideumanet.t5.com.br>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Juno: deusa do casamento, corresponde à grega Hera.

Lácio: região central da Itália, onde se ergue Roma.

lavinios: adjetivo derivado de Lavinio, cidade fundada por Eneias em homenagem à sua esposa, filha de Latino.

varão: homem destemido, venerável; herói.

O gênero épico atravessa os tempos

A epopeia clássica ocidental surgiu na Grécia antiga e se propagou pelo mundo latino. Homero e Virgílio são os modelos seguidos. Com o declínio dos grandes impérios ligados a Grécia e Roma, a cultura clássica entra em período de hibernação. As epopeias

Na apresentação dos textos, observamos uma longa introdução a Homero e sua relação com a construção dos poemas, no sentido de serem dispostas informações sobre sua extensão. Além disso, contemplamos uma sucinta exposição sobre a importância do poeta e de sua obra para o mundo grego. O livro apresenta os dois poemas homéricos: A Ilíada e A Odisseia - sua estrutura, seu protagonista e, o que o material intitula argumento, que é, na verdade, um resumo de seus enredos. Nesse primeiro momento, o material didático se baseia na fala de Carpeaux para embasar seus pressupostos, o que é deveras interessante. Percebemos, assim, que existiu uma base de pesquisa bem consolidada para a construção do saber literário. Ademais, a apresentação cumpre seu papel de caráter introdutório com relativo êxito. Expõe conhecimentos gerais sobre o autor e sobre o contexto de produção e recepção das obras; apresenta aquilo que acredita serem os fatos mais interessantes da obra e dialoga com imagens que as ilustram. As pinturas escolhidas também nos são bastante interessantes: os amores de Helena e Páris, e a relação entre Penélope e os pretendentes que a sitiavam no solar de seu marido desaparecido.

Porém, apesar de ter o cuidado de abordar os principais aspectos dos temas trazidos, o faz de forma incompleta. Ao contextualizar Homero, não aborda a questão da composição dos poemas, a chamada Questão Homérica, nem as teorias que envolvem a vida do misterioso poeta. Ao apresentar o papel que as obras exerciam no mundo grego, olvidou-se a caracterização da oralidade de sua expressão e o poder que a performance exercia em seu público. Na abordagem do texto, enfocou-se apenas informações acerca do enredo e da quantidade de versos, deixando de lado toda a riqueza do estilo homérico e sua constituição por meio de fórmulas e do hexâmetro dactílico. O interessante de se analisar todos esses aspectos é o conhecimento de que a maior parte das informações supracitadas, ausentes do livro didático, encontra-se disponível na fonte nomeada pelo material. Assim, percebemos que a seleção dos fatos veiculados se deve a um projeto intencional que os julgou desnecessários para uma compreensão mais completa do fenômeno artístico grego. Tal eleição configura-se errônea, visto que destitui do texto antigo a maior parte de seu brilho literário e o resume a características históricas e a um enredo que, apesar de criativo e marcante, não aponta para a sua real importância para a humanidade. Porém, como compensação esquivada, há o emprego das pinturas, extremamente coloridas e chamativas, o leitor se sente convidado a querer entender a relação das obras com a pintura, o que é bastante positivo.

Ademais, o livro Projeto Múltiplo apresenta uma breve estrofe da Odisseia: a fala de Penélope para Odisseu, ainda disfarçado. Chama a atenção do leitor que a tradução escolhida pela obra não é citada, ainda que seja bastante facilitada, o que o leva a querer ler a obra

completa. No entanto, a citação escolhida pela obra é deveras interessante: além de ser um momento marcante do livro, ao mostrar a fibra moral do protagonista, que se mantém inamovível em seu disfarce mesmo ao entrar em contato direto com a esposa que desejara rever por mais de 20 anos, também traz um elemento bastante explorado pela crítica moderna sobre a épica: os sonhos e a construção do personagem de Ulisses.

É aqui que o autor da *Odisséia* manifesta, segundo Heubeck, sua verdadeira modernidade, aquela que o torna próximo e atual: se tradicionalmente o herói épico era um paradigma de virtudes aristocráticas e militares, Ulisses é tudo isso e ainda mais, é o homem que suporta as experiências mais duras, as fadigas, a dor e a solidão. "Certamente ele arrasta seu público a um mítico mundo de sonho, mas esse mundo de sonho se torna simultaneamente a imagem especular do mundo real em que vivemos, no qual dominam necessidades e angústia, terror e dores, e no qual o homem se acha imerso sem escapatória" (CALVINO, p.23, 2003)

Por último, o livro apresenta uma parte chamada: "O gênero épico atravessa os tempos." Neste tópico, ele explora como o gênero influenciou a canção de gesta na Idade Média, sua relação com o Renascimento – por meio do neoclassicismo, e sua relação com o Romantismo, a partir das relações que se estabelecem entre o romance romântico e a tradição épica. Não existe, porém, a criação de paralelos entre a epopeia e manifestações mais modernas da narrativa, como jogos, filmes, quadrinhos e músicas, ou mesmo adaptações de mitos da tradição clássica ou reimaginações dessas histórias seminais. Ou seja, ainda que o capítulo se intitule o gênero épico atravessa os tempos, o subtópico explora muito pouco os ecos, na hodiernidade, do fenômeno analisado. Bem verdade, seria por intermédio dessa cadeia de referências e inspirações que o professor conseguiria explorar melhor o conteúdo em sala de aula, e o aluno, de encontrar nele relevância em sua vida.

Imagem 04 – O gênero épico atravessa os tempos (Livro: Projeto Múltiplo)

reaparecem por volta do século XI, na França, em forma de **canção de gesta**, poemas que louvavam os feitos maravilhosos dos cavaleiros da corte francesa. Ainda na Idade Média, agora em prosa, mas mantendo fortes traços das epopeias, desenvolvem-se as novelas de cavalaria.

A epopeia resgata, com o Renascimento, seu antigo prestígio clássico, que se estende até o século XVIII, com o Neoclassicismo (como já vimos, esse foi o período áureo do poema épico na literatura brasileira).

Com o Romantismo, inicia-se o que se pode chamar de "fase moderna" do gênero narrativo, com duas vertentes: uma, a mais importante, foi a adaptação de características da epopeia para criar o romance (ou narrativa de ficção); outra se deveu aos novos contornos dados aos poemas narrativos de caráter heroico, notadamente por Vítor Hugo, na França, que resultaram no poemeto épico romântico, de que são exemplos brasileiros *I-Juca Pirama*, de Gonçalves Dias, e *O navio negreiro*, de Castro Alves.

Em nossos dias, toda narração de fatos heroicos ou de fatos ligados ao nascimento de uma nação, ou à sina de um personagem, pode ser chamada de relato épico. São exemplos os filmes sobre a conquista do oeste norte-americano ou as letras de canções populares, como "Triste partida", de Patativa do Assaré, que conta a saga dos retirantes nordestinos, ou "Faroeste caboclo", de Renato Russo.

Vemos, assim, que o primeiro ponto preconizado por Chervel (1990) torna-se bastante fecundo na avaliação desse material. Apesar de ela apresentar o poeta e sua obra para o estudante, o faz de maneira ineficaz e inexpressiva. As informações históricas mobilizadas são insuficientes até mesmo como anedota, prescindindo de elencar pontos importantes sobre a vida aristocrática micênica retratada por Homero, o seu heroísmo palaciano e os grandes temas das narrativas, como a raiva de Aquiles, o amor à família e à pátria de Heitor, na *Iliada*; ou, a persistência de Odisseu e seu constante jogo de máscaras e ciladas, bem como toda a jornada de maioridade enfrentada por Telêmaco na *Odisseia*. Pouco enfoca, ainda, os reflexos dessas obras no futuro que as sucede. Apesar de citar Virgílio e as influências que o poeta latina deve a seu antecessor grego, pouco desenvolve um contato mais aprofundado com outros grandes nomes das artes, contemporâneos ou tradicionais, e com produções desses expoentes.

Nesse sentido, na ausência dessa verticalização do conhecimento e desses reflexos pertinentes, cria-se uma exposição que não dialoga com os elementos fundamentais preconizados por Bunzer (2005). A linguagem homérica não é analisada, na reflexão sobre sua constituição quimérica, fruto de sua composição oral e coletiva, nem em seu impacto no mundo discursivo da época de sua veiculação primeira ou na contemporaneidade. Uma perdida oportunidade do Projeto Múltiplo é o debate acerca da criação coletiva de poesia, que, no caso grego, conjugou na *Iliada* e na *Odisseia* fragmentos com dialetos gregos separados por séculos no tempo. Além disso, não explora a tradução mobilizada dos poemas para nenhuma reflexão sobre os usos criativos da linguagem, nem de conhecimentos linguísticos.

3.2 Análise do livro: Ser protagonista BOX Literatura

No presente livro, a discussão sobre literatura grega e Homero também é resguardada a um capítulo denominado “Gêneros Literários”, dentro do qual há um subtópico destinado ao épico. Mas, diferentemente do Projeto Múltiplo, a presente obra só resguarda duas páginas para apresentação do conteúdo. A ela não são dispensados capítulos adicionais, nem a disposição de um debate mais aprofundado. Assim, possui um enfoque específico em questões mais gerais, como uma definição superficial do épico, e deixa, também, de oferecer detalhes importantes sobre a temática dos poemas homéricos. Podemos, de antemão, perceber a ausência de um enfoque na figura de Homero enquanto folclore, representação ideal de um poeta cego, inspirado, personificação de um processo artístico coletivo que mobilizou incontáveis aedos

durante múltiplos séculos. E uma parca apresentação de suas obras, ao não serem explorados seus temas mais abrangentes, no caso, a fúria de Aquiles e o contexto da Guerra de Troia na *Ilíada*, e o retorno árduo e ardiloso de Odisseu para casa, na *Odisseia*. Ausentes estão, além disso, todo o debate acerca do papel dessa literatura e seu lugar, tanto no mundo grego, quanto naqueles outros contextos que o sucedem. Não são citados outros autores que bebem da fonte antiga, muito menos expressões multimodais contemporâneas que mobilizam o cabedal mitológico, temático e estético lançado por Homero no universo das letras. Ficamos, assim, com informações soltas que nada significam ao leitor; que exercem, como única serventia, o ofuscamento de um dos gêneros mais prolíficos da literatura, a poesia narrativa, o apagamento de um de seus maiores autores, Homero, e o distanciamento de dois dos maiores monumentos da literatura mundial, a *Ilíada* e a *Odisseia*.

Em seu primeiro tópico, a fim de expor o que é o gênero literário, o livro mobiliza, de forma muito breve, as ideias de Massaud Moisés, sem, no entanto, o citar, ao defender a noção de gênero como “características estruturais e temáticas semelhantes entre um grupo de textos”. Todavia, além de não salientar a plasticidade intrínseca à arte literária, em que expoentes do mesmo gênero carregam, consigo, inovações para os paradigmas estabelecidos, não aprofunda a discussão, marcando, no gênero épico, por exemplo, que semelhanças são essas, ou a que outros textos podemos comparar a *Odisseia* para entendermos suas características essenciais. Acaba, como alternativa, relacionando essa breve concepção de gêneros à visão aristotélica do tema e à tripartição das formas literárias. Dessa maneira, nenhuma das teóricas veiculadas é, verdadeiramente, apresentada ao leitor. Os gêneros de Moisés, nessa apresentação, são inominados, toda a riqueza das formas literárias modernas é esquecida em sua associação com Aristóteles. Além disso, os gêneros do estagirita são pobres, uma vez que toda a reflexão sobre seus constituintes, sua função para com o público, seus recursos expressivos, sua visão filosófica sobre o mundo, tudo isso é deixado de lado. Como forma de exemplificação desses saberes incompletos, o material didático recorre à exposição de um texto chamado *Odisseia*, trazendo apenas um fragmento de sua totalidade. Porém, não temos uma explicação de quem foi Homero, do contexto sócio-histórico do poeta, nem de sua obra, ou da relevância de ambos para a posteridade. Na verdade, nem mesmo as características formais básicas do épico são trabalhadas. As únicas informações com que temos contato são: i) Longo poema narrativo; ii) Conta histórias protagonizadas por heróis.

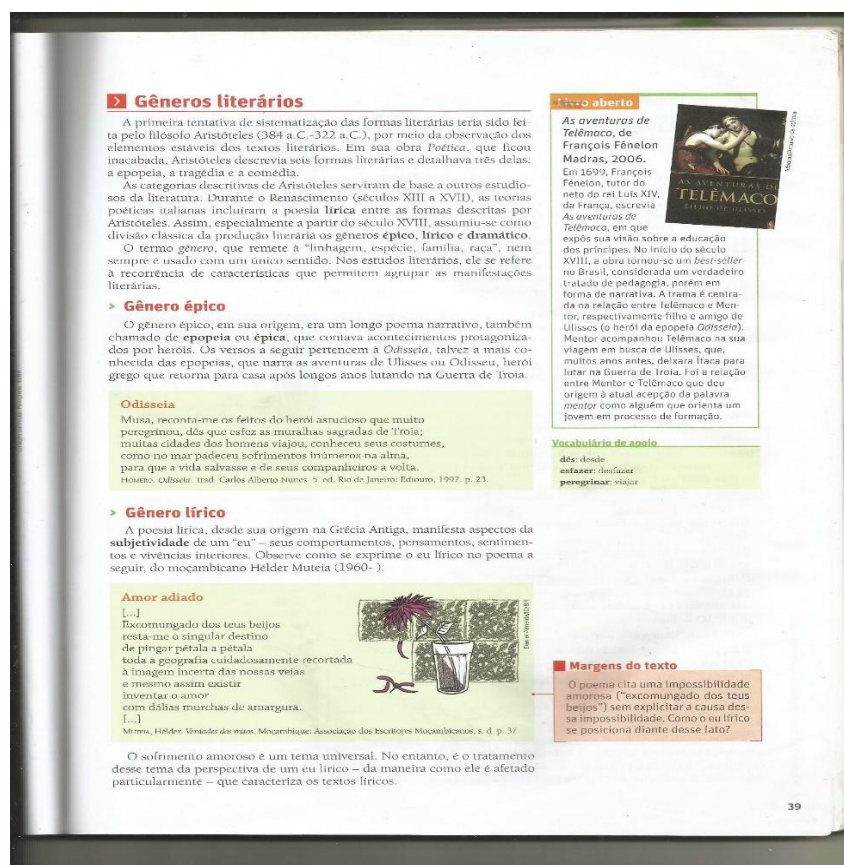
Que tipo de poemas são esses? Que forma adotam? Que tipo de histórias são essas? Que temas trabalha? Quem são esses heróis? Que tipo de aventuras protagonizam? Quem criou essas histórias? Quem as ouviu ou leu? Essas são algumas das primeiras perguntas que um

estudante se faz ao entrar em contar com as exíguas cinco linhas dedicadas à sistematização de um gênero que, apenas com suas duas mais importantes obras, soma quase 30.000 versos de extensão. A ausência de maiores desenvolvimentos passa a exigir do aluno, e do professor, uma postura de robótica de memorização de enunciados escritos. Nenhum desses dois atores escolares possuiu vivência efetiva com seu objeto de análise, o que torna falha toda a experiência educacional.

Não se debate, especificamente no caso de Homero, as características formais dos poemas, de seus versos, de seus temas; não são explanadas as representações de seus personagens e de suas ações, nem o impacto incalculável que tiveram no desenvolvimento de uma literatura Ocidental. Além disso, peca ao reduzir uma tradição formal, a do poema narrativo, que perdura mesmo após mais de 3000 anos. Sem a ampliação desses conhecimentos, é impossível para o aluno compreender como Virgílio contemplou Homero, como Camões refratou-se em Virgílio ou como Basílio da Gama assimilou-os. Além disso, é impossível entender que as cenas que o aluno vislumbra no cinema, ao assistir a um filme como Vingadores: Guerra Infinita, são continuação direta desse elo ininterrupto entre passado e presente. *obra de Marcus Acioli

Trazemos, a seguir, o único trecho dedicado à análise do poeta e de sua obra:

Imagem 05 - Homero no livro Ser protagonista BOX



O que podemos perceber, portanto, é que o livro se ocupou de trazer o texto homérico como pretexto para uma ilustração incompleta e frugal do que são gêneros literários. Não existiu nenhuma preocupação em estimular a construção de novos conhecimentos sobre a obra apresentada, nem em estabelecer uma relação entre ele e outras do mesmo gênero. Em semelhante perspectiva, foram deixados de lado elementos de estilo, como o realismo tão defendido por Carpeaux (2012), o uso marcado dos símiles, a crueza das descrições da guerra; da narrativa, como todo o segmento da Telemáquia, na Odisseia, e a própria existência da *Iliada* como obra; da forma, ao deixar de lado um estudo sobre o verso homérico; de relevância histórica, ao ocultar a riqueza sobre o debate das composições coletivas e orais pelos bardos antigos e sobre a Questão Homérica; de importância social, quando aliena o estudante sobre a tradição literária rica que nasceu do bardo cego. Somando-se a isso, o material didático furta-se de trazer subsídios para o trabalho com Homero ao nem sequer nomeá-lo no corpo da explicação. Apenas há a menção de seu nome nas referências, em letra pequena, no rodapé da citação da Odisseia. Como tentativa de expansão de conhecimentos, o livro apresenta uma breve emenda intitulada “Livro aberto”. Nela, encontramos a sugestão de leitura do texto “As aventuras de Telêmaco”. No entanto, não expôs, em sua abordagem, quem foi Telêmaco, nem sua importância para o épico.

Ainda que a situação seja devastadora para a epopeia, os demais gêneros sofrem ainda mais com a precariedade da abordagem do material analisado. O autor opta por elencar exemplos que não dialogam com a perspectiva grega, apresentando poemas modernos para explicitar o gênero lírico e uma peça teatral também “recente”, quando comparada com os expoentes gregos como Eurípedes, para tematizar o gênero dramático. No entanto, o livro resgata a cena inicial da Odisseia com um pequeno glossário ao lado na tradução de Carlos Alberto Nunes. Esse movimento pedagógico nos parece uma excelente forma de trabalhar a obra, porém, da maneira como foi apresentado, traz mais confusão do que estímulo. Não existe uma real contextualização do que o aluno acabara de experienciar. Afinal, se não sabemos quem são as musas a que o poeta se refere, ou que tipo de canto é esse que ele compõe. Um texto com a envergadura que a Odisseia possui, e distante no tempo e na cultura como ele é, precisa de um trabalho mais consistente de contextualização, esforço que, aparentemente, o livro delega ao professor.

Assim, percebe-se que o livro peca tanto na apresentação de seus conteúdos, como veicula Chervel (1990), quanto no trabalho que sugere de reflexão da língua, como postula Bunzer (2005). O resultado dessa combinação desastrosa é um material incompleto, incapaz de introduzir o estudante ao mundo de Homero, e de pouca valia, uma vez que nada oferece de

apoio ao professor em sua prática em sala de aula. O docente que utiliza desse livro é obrigado a preparar ele mesmo um suporte para si e para seus alunos, situação que é, em essência, o oposto da função estabelecida para o livro didático segundo os autores.

3.3 Vereda Digital: Literatura Formação do Leitor Literário

Assim como os demais livros, a participação de Homero se resume a um capítulo intitulado “Gêneros Literários”. Diferentemente das demais obras, o Veredas Digitais, antes mesmo de apresentar o conteúdo de seu capítulo, contextualiza-o ao utilizar da comparação com o cinema e traz a importância da narrativa para a vida humana através dos séculos. Um começo bastante promissor, uma vez que contextualiza o material, como recomenda Chervel (1990), a ser abordado e propõe uma reflexão sobre a natureza das narrativas. Tal ponto, logo de início, já dialoga com Bunzer (2005) ao apresentar uma relação do tema trabalhado com o mundo discursivo ao seu redor.

O livro Veredas Digitais, então, resgata os preceitos aristotélicos para a construção dos gêneros, apontando a República, obra de seu professor Platão, como fonte de estudos da especificidade do literário. Além disso, o material divide suas sessões em “Gêneros Literários”: “Gênero lírico – soneto”; “Gênero satírico”; “Gênero dramático”; e “Gênero Épico”. Posteriormente continua, ao explicitar mais formas literárias a partir de uma sessão intitulada “Gêneros da prosa de ficção”, o que já demonstra uma noção mais ampla do fenômeno literário. Ainda nesse sentido, as imagens mobilizadas veiculam esculturas próprias da época e cenas de uma produção cinematográfica contemporânea sobre a Guerra de Troia, “Troia”. Mais uma vez é notável a disponibilização de um aporte de ferramentas que auxiliam o professor em sua prática docente, associando passado e presente, texto escrito, escultura e cinema.

Percebemos, a partir da leitura do trecho que se debruça sobre os gêneros literários, que o material didático estudado, como os outros analisados, também mobiliza as noções aristotélicas sobre o assunto. Porém, da mesma maneira que seus predecessores, deixa de desenvolver a complexidade artística e formal que o estagirita emprega em seu estudo. Além disso, não mobiliza a distinção entre os gêneros estudados pelos gregos antigos e os analisados pela modernidade.

O que se entende por gênero literário

Toda obra de arte tem a sua individualidade, apresenta propriedades específicas que decorrem do estilo do autor. No entanto, é possível agrupar as obras literárias a partir de alguns traços comuns. Esses traços definem os **gêneros literários**.

A divisão clássica entre os gêneros literários foi formulada por filósofos da Grécia Antiga, como Platão (428-348 a.C.) e Aristóteles (384-322 a.C.). Essa divisão admite três grandes gêneros: o **épico**, o **lírico** e o **dramático**.

A partir do século XX, a ideia de **gênero** foi bastante ampliada. Algumas subdivisões do épico, do lírico e do dramático passaram a ser entendidas como gêneros. O soneto (forma de poesia do gênero lírico), por exemplo, é hoje considerado também um gênero literário.

Ao longo do tempo, surgiu ainda a prosa de ficção — como o romance, a novela, o conto, entre outros. Além disso, traços temáticos comuns também passaram a definir gêneros específicos, por exemplo: a poesia religiosa, a poesia satírica, o romance de suspense, o romance policial, etc.

A classificação em gêneros, contudo, não estabelece limites intransponíveis entre eles, isto é, uma obra classificada como épica pode conter passagens líricas, por exemplo.

Gênero lírico

Originalmente, o termo *lírica* se aplicava exclusivamente à composição de poemas. O termo vem de *lyrikós*, palavra grega que significa "cantar ao som da lira".



Apolo tocando lira. Escultura. c. século I d.C.

Assim, no início, o que caracterizava o gênero lírico era o fato de a declamação de um poema ser sempre acompanhada por um instrumento musical dedilhado pelo poeta. Esse acompanhamento instrumental caiu em desuso, mas o jogo sonoro se manteve presente na poesia lírica com a repetição de sons.

Como você já aprendeu, essa repetição sonora pode ocorrer na rima, mas pode estar presente também na repetição de vogais (**assonância**) ou de consoantes (**aliteração**). Veja o exemplo a seguir, do poeta português Eugênio de Castro (1869-1944).

Na messe, que enlourece, estremece a quermesse...
O sol, o celestial girassol, esmorece...
E as cantilenas de serenos sons amenos
Fogem fluidas, fluindo à fina flor dos fenos...

Material complementar
Texto integral

CASTRO, Eugênio de. Um sonho. In: MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 358. (Fragmento).

Glossário

Messe: campo pronto para a colheita.
Quermesse: festa.
Esmorece: enfraquece.

Leitura do texto

1. Localize as aliterações (repetição de consoantes) e as assonâncias (repetição de vogais) em cada verso do poema:
 - a) verso 1.
 - b) verso 2.
 - c) verso 3.
 - d) verso 4.
2. Observe o verso 2: ele se refere ao sol que "esmorece" (isto é, que enfraquece); trata-se de um momento correspondente ao entardecer, ao fim do dia. Discuta com seus colegas: qual é a relação entre a musicalidade do poema e esse momento do dia?

A poesia lírica traduz uma **visão subjetiva do mundo**. Isso quer dizer que o centro dessa poesia é a realidade interior do indivíduo (o seu próprio *eu*). Mesmo quando a poesia lírica faz referência à realidade exterior, esta é concebida como uma visão desse *eu*. Leia, como exemplo, a primeira estrofe do poema "Saudades", do escritor romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852).

Foi por ti que num sonho de ventura
A flor da mocidade consumi...
E às primaveras digo adeus tão cedo
E na idade do amor envelheci!

Material complementar
Texto integral

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000. p. 171. (Fragmento).

No que diz respeito à sessão destinada ao gênero épico, o livro faz um breve apontamento sobre algumas de suas especificidades. Apresenta uma definição curta sobre a etimologia do *épos*, bem como sua classificação enquanto narrativa heroica que representa um povo. Além disso, elenca cinco elementos-chaves de sua forma: proposição, dedicatória, invocação, narração e epílogo. O livro também nomeia Homero, sua provável época de circulação e a ele atribui a autoria da *Ilíada* e da *Odisseia*, sintetizando ambos os poemas como narração da Guerra de Troia. Destarte, diferente dos demais materiais didáticos, que trouxeram pinturas clássicas, o Veredas apresenta uma cena do filme *Troia*, adaptação, oriunda de 2004, da célebre guerra, e traz um breve resumo sobre seu enredo. Deixa, porém, de comentar como adaptação e adaptado diferenciam-se, posto que a obra cinematográfica se dispõe a narrar a totalidade do conflito, enquanto a *Ilíada* debruça-se sobre apenas poucas semanas dos dez anos de batalhas. Assim, somos capazes de compreender o fenômeno épico com mais detalhes. O gênero ganha forma, tema, tons e personagem. Nesse exemplo, o estudante é capaz de compreender de maneira inicial o texto homérico como uma estrutura orgânica e concreto, adensando o conteúdo exposto pelo livro e estudado em sala. Além disso, tem a sua disposição informações mínimas sobre o mundo distante, e por isso mesmo fascinante, da Grécia Arcaica.

Imagem 07- O gênero épico: Veredas Digitais

Gênero épico

O gênero épico também é chamado de **gênero narrativo**. A palavra *épico* se originou da expressão grega *épos*, que quer dizer "palavra" e também "narrativa". Um sinônimo para poesia épica é *epopeia*.

A **epopeia** narra os grandes feitos de um herói, frequentemente visto como representante de seu povo. Geralmente, esses feitos grandiosos envolvem guerras e batalhas. Mesmo que tais eventos tenham realmente ocorrido, sua transposição para a epopeia se dá de acordo com a imaginação do autor, sem grande preocupação com a fidelidade histórica. Por isso, nota-se a presença do **maravilhoso**, isto é, a atuação de forças sobrenaturais, como a interferência dos deuses da mitologia clássica.

Apesar da importância das aventuras guerreiras, as epopeias também comportam episódios líricos, de temática amorosa.

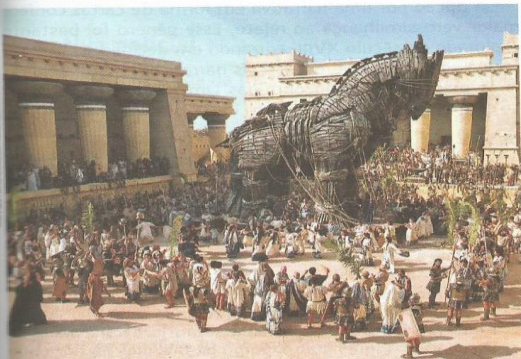
De uma maneira geral, uma epopeia apresenta uma divisão em cinco partes (embora não seja obrigatória a presença de todas elas):

- 1) **Proposição** — a definição do tema da obra.
- 2) **Dedicatória** — o oferecimento da obra para autoridades ou entidades divinas.
- 3) **Invocação** — o pedido de auxílio, para conseguir terminar a tarefa de compor o poema.
- 4) **Narração** — a narrativa em si.
- 5) **Epílogo** — o encerramento e as despedidas do poeta.

Nesse sentido, o Veredas busca apresentar a relação do gênero épico com as futuras formas literárias de nossa tradição. Conecta, assim, Homero com a canção de Rolando na Idade Média e com a Prosopopeia, de Bento Teixeira. Ademais, o livro traz a cena inicial da Odisseia como exemplo do funcionamento da epopeia, sem, no entanto, contextualizá-la, como podemos observar nas imagens a seguir. Ademais, a tradução da Odisseia utilizada é a do Manuel Odorico Mendes e vem acompanhada de um breve glossário contextualizado algumas palavras eruditas. Temos, então, contato também com um fragmento, mas, dessa vez, o fazemos de forma contextualizada, o que traz sentido para a leitura do estudante e propósito para a discussão levantada pelo professor.

Imagem 08- O gênero épico: Veredas Digitais

Muitas vezes, a narrativa tem início já com a ação central do poema em curso. Esse recurso é chamado de *media res*, expressão latina que significa "no meio da ação". Episódios anteriores importantes podem ser posteriormente resgatados pelo narrador, por exemplo com a recordação de algumas personagens.



Cena do filme *Troia* (2004), dirigido por Wolfgang Petersen. O grande cavalo de madeira levava guerreiros escondidos que saíram à noite e possibilitaram que os exércitos liderados por Ulisses e Aquiles recuperassem Helena, esposa raptada de Menelau (rei de Esparta) por Páris (rei de Troia). Tanto na *Ilíada* quanto na *Odisseia*, foi contada a história da Guerra de Troia; entretanto, o presente dos gregos aos troianos é mencionado por Homero apenas nesta segunda obra.

O primeiro grande poeta épico foi o grego Homero (cerca de IX a.C.), autor da *Ilíada* e da *Odisseia* — obras que têm como pano de fundo a Guerra de Troia, travada entre os troianos e os gregos por volta do século XIII a.C. As obras desse autor são consideradas modelos de poesia épica.

Um dos continuadores da tradição homérica foi o poeta latino Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), autor de *Eneida*. Essa narrativa gira em torno de Eneias — um troiano considerado a representação dos ancestrais dos romanos, que escapa da Guerra de Troia e viaja para a Península Itálica.

A prática da epopeia continua ao longo da Idade Média, com a *Canção de Rolando* (século XI), na França; o *Poema del Cid* (século XII), na Espanha; e a *Divina Comédia*, escrita pelo poeta italiano Dante Alighieri (publicada entre 1304 e 1321).

Após a Idade Média, teve lugar o período renascentista, que resgatou alguns valores da arte clássica, como a prática da poesia épica. São dessa época obras como *Orlando furioso* (1516), do italiano Ludovico Ariosto; *Jerusalém libertada* (1581), de Torquato Tasso, também italiano; *Os lusíadas* (1572), do português Camões; e *Paraíso perdido* (1667), de John Milton, poeta inglês.

No Brasil, a prática da poesia épica não foi muito extensa. Depois da publicação de *Prosopopeia* (1601), de Bento Teixeira, apenas no período árcade (século XVIII) o gênero voltou a ser praticado. Nessa época, merecem destaque as obras *O Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, e *Caramuru* (1781), de Santa Rita Durão.

A partir do século XIX, o gênero épico entrou em declínio e se tornou cada vez mais raro. Leia a seguir um trecho da *Odisseia*, de Homero.

Orientação

O vocabulário desta obra de Homero pode representar um obstáculo, mas não desista! É com a superação de dificuldades assim que se cresce na leitura literária!

Canta, ó Musa, o varão que astucioso,
Rasa Ílion santa, errou de clima em clima.
Viu de muitas nações costumes vários.
Mil transeis padeceu no equóreo ponto.
Por segurar a vida e aos seus a volta;
Baldo afã! Pereceram, tendo, insanos,
Ao claro Hiperônio os bois comido,
Que não quis para a pátria alumia-los.
Tudo, ó prole Dial, me aponta e lembra.

HOMERO. *Odisseia*. Trad. Manuel Odorico Mendes. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2000. p. 65. (Fragmento).

Glossário

Varão: homem; nesse contexto, referência ao herói Ulisses.	Segurar: assegurar, garantir.
Rasa Ílion santa: a expressão significa, nesse contexto, "Arrasa a sagrada cidade de Troia".	Baldo afã: inútil desejo.
Errou: percorreu.	Hiperônio: o Sol.
Transeis: problemas, dificuldades.	Alumia-los: iluminá-los.
Equóreo ponto: mar.	Prole Dial: descendência de Zeus, pai dos deuses.

Leitura do texto

1. O trecho transcrito corresponde ao início da *Odisseia*, de Homero. Nele, o leitor é informado de que Ulisses colaborou para a vitória sobre os troianos. Segundo o trecho, após essa vitória, essa personagem principal

- a) conseguiu facilmente retornar à terra natal.
- b) faleceu, deixando para seus filhos o relato de suas aventuras.
- c) enfrentou muitos problemas na tentativa de voltar para casa.
- d) retornou a Troia para participar das celebrações.
- e) viajou para rever a família, mas encontrou todos mortos.

Capítulo 4 • Gêneros literários 73

A maior problemática do livro não é o conteúdo, ainda que este, como os demais, seja incipiente e deixe de lado detalhes importantes para a compreensão do gênero épico, como a característica oral de sua composição, ou uma análise mais aprofundada de seus temas e recursos poéticos. À sua maneira, a obra didática faz um panorama amplo dessa manifestação cultural e possibilita ao professor executar um trabalho embasado e contextualizado. Até mesmo oferece uma síntese da história do gênero no mundo, acompanhando sua evolução mundo romano, com Virgílio e sua Eneida; a chegada à Idade Média, com a Canção de Rolando e A Divina Comédia de Dante; a passagem por Camões e seus Lusíadas; e por fim, o declínio do gênero a partir do século XIX. Ainda nesse retrospecto, não deixa o Brasil de lado e salienta nossa produção épica, que, apesar de pouco produtiva, gerou obras de renome incontestável. Condiz, dessa maneira, com os postulados de Chevel (1990) ao apresentar um conteúdo relevante e contextualizado. Além disso, ao apresentar recursos expressivos da linguagem e do gênero, como a abertura *in media res*, no meio do caminho, de ambos os poemas homéricos, reflete sobre a natureza da linguagem e seus usos no texto, como defende Bunzer (2005).

O aspecto que mais chama atenção, negativamente, na obra estudada são muitos não ditos, como: as divisões entre os demais gêneros literários. O livro continua explicitando outras manifestações literárias como o romance, o conto, a crônica, mas não aponta que esses gêneros fogem daqueles explicitados por Aristóteles, nem mobiliza teorias específicas para a definição e análise de nenhum deles. Ao explicitar o que é um gênero, o livro o vinculou ao ideário de Aristóteles e Platão, mas deixa de apontar que ambos são apenas, a despeito de sua importância histórica e crítica, dois pensadores sobre a literatura na antiguidade. Não são, dessa maneira, os primeiros a discutir tais temáticas, ou os últimos, e seus postulados não englobam os fenômenos literários posteriores a sua época.

3.4 Análise das questões avaliativas apresentadas nos três livros

Ademais, percebemos que todos os livros didáticos apresentam atividades avaliativas para trabalhar os *gêneros literários*. Conforme Marcuschi (2008), um bom exercício seria aquele que leva o sujeito a pensar e refletir acerca do objeto trabalhado. No entanto, muitas vezes os materiais de apoio optam por questões decodificadoras. Dessa forma, “os livros trabalham o texto como produto acabado e da compreensão como identificação de informações textuais objetivas” (MARCUSCHI, 2008, p. 269). Para identificar um bom texto, Marcuschi

aponta três grandes eixos usados na produção das incógnitas. São eles: I) Didático (que procedimentos operará o aluno durante a atividade); II) Conteúdo (esfera em que a resposta pode ser encontrada); III) Enunciado, como os comandos de resolução do problema proporcionam que seu estudante compreenda e responda a questão. Nessa perspectiva, exercícios mal trabalhados são aqueles em que, no plano didático, exigem do aluno procedimentos para os quais ele não foi instruído; do conteúdo, em que a resposta se encontra no próprio enunciado da questão, bastando apenas um olhar mais atento sobre ele para descobrir a solução, ou apresenta alternativas fantasiosas em demasia, destacando, com facilidade a única alternativa correta; por fim, do enunciado, quando este não é claro em seus comandos ou contraditórios em suas expectativas.

Essa percepção negativa apontada por Marcuschi acontece no livro *Vereda Digital Literatura: Formação do Leitor Literário*. Ainda que este traga um trecho da *Odisséia*, a análise solicitada para a obra não corrobora para um estudo crítico sobre o trecho, nem exige do discente a mobilização de conhecimentos relevantes sobre os aspectos essenciais da obra, como estilísticos, formais e narrativos.

O texto é elaborado através de um enunciado bastante descritivo, que procura sintetizar para o aluno o conteúdo ali destacado. Além disso, é muito pouco objetivo, pois solicita que o discente complete uma oração presente no próprio enunciado, a partir de um princípio de inferência. Isso é, não é indicado ao leitor, diretamente, o que deve ser feito na questão. No que diz respeito à didática em relação ao conteúdo estudado, o texto solicita apenas que o aluno retire do poema uma informação e complete a oração. A grande dificuldade imposta pela questão seria o vocabulário da epopeia, visto que o texto traz a versão do Manuel Odorico Mendes, rica em arcaísmos e inversões sintáticas. No entanto, devido ao acompanhamento de um breve glossário, a atividade torna-se apenas uma decodificação textual, nem mesmo exigindo do aluno o exercício lexical. Tal intenção pedagógica pode ser, também, confirmada ao se analisar como a questão se apresenta no livro didático, inserida no box “Leitura do texto”. Ou seja, desde o início, a proposta é estimular o discente a apenas elaborar uma leitura breve da história e enraizar seu enredo na memória.

Corroborando com a perspectiva de Marcuschi, apontamos que uma boa atividade é aquela que envolve o sujeito discente em uma relação de vários elementos - internos e externos ao texto. Assim, o livro didático precisa se preocupar em observar não apenas as informações objetivas que o aluno consegue decodificar do texto, mas quais inferências podem ser ativadas durante o processo de leitura e reflexão sobre a atividade. Além disso, uma boa questão é aquela

que mobiliza conhecimentos de mundo variados, associando o conteúdo estudado a vivências anteriores do estudante.

Como um livro didático poderia, então, criar inferências a partir das atividades, levando em consideração conhecimentos prévios do aluno? Utilizando o próprio material, na área reservada à exposição do assunto estudado, percebemos uma tendência em associar os conteúdos literários a manifestações artísticas e sociais contemporâneas para melhorar a compreensão do discente sobre as realidades apresentadas nos textos. Entretanto, não observamos esse movimento nas atividades avaliativas propostas por grande parte dos livros analisados, apenas exercícios de interpretação de ideias afastadas do teor literário das obras (Imagem 09), ou enfocadas na comparação com outros autores (Imagens 10, 11 e 12).

Imagem 09: Projeto Múltiplo questão sobre Homero parte 01

1. **CO** (UnB-DF)

Texto 1

Vivendo provavelmente no século VIII a.C., costumava peregrinar pelas cortes e pelas ágoras, mercados públicos das cidades daquela época, a repetir, em estrofes candentes, entusiastas, cosendo os cantos uns nos outros, os memoráveis feitos dos aqueus, antepassados dos gregos.

Segundo o costume, apresentava-se em pé, apoiado em um bastão, narrando de memória e em voz alta, para que todos ouvissem, e, assim, preservava a memória dos combates e dos másculos heróis do passado. Teria sido ele o principal responsável por conferir unidade cultural a todo o povo de fala grega, o do continente da Ática, o da península do Peloponeso e o das ilhas do Mar Egeu. Para Hesíodo, foi Homero quem constituiu a teologia nacional da Grécia. É consenso, hoje, que nenhum poeta, nenhuma personalidade literária, ocupou na vida do seu povo lugar semelhante.

Homero narrou a epopeia da guerra de Troia em duas obras distintas: **Ilíada** (dedicada ao último ano da guerra) e **Odisseia** (narrativa das peripécias de Ulisses depois da guerra). Nelas, encontram-se não só a relação estreita dos homens com inúmeros deuses, mas também a exposição da cosmogonia grega, o que solidificou a posição dessas duas obras como expressão dos ideais de formação dos gregos (Paideia).

Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br>> (com adaptações).

Texto 2

Efetivamente, são esses [Hesíodo e Homero] que fizeram para os homens essas fábulas falsas — que contaram e continuam a contar —, nas quais os deuses lutam contra os deuses, que conspiram e combatem, pois nada disso é verdade. Nem se deve contar essas fábulas na nossa cidade se queremos que os futuros guardiões considerem uma grande vileza o odiarem-se uns aos outros por pouca coisa.

Platão. *A República*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993. p. 88-9 (com adaptações).

Considerando os textos acima, julgue certo ou errado o item abaixo:

A partir da leitura dos textos I e II, conclui-se que, embora as narrativas épicas, históricas ou epopeicas garantissem a preservação da memória cultural dos gregos, para Platão, as fábulas contadas por Hesíodo e Homero, por não serem exemplares, não possuíam conteúdo pedagógico.

Essa união, todavia, parece ser ensaiada pelo livro Projeto Múltiplo, como podemos observar no exemplo abaixo, em que o texto homérico é colocado em conjunto com a poesia de Manuel Bandeira dentre outras obras. Além disso, a obra mobiliza essas obras para discutir o próprio conceito de poesia e de poeta, uma discussão pertinente para um capítulo que, dentre outros assunto, trabalha o conceito de literatura. A problemática dessa atividade, bem verdade, é que a própria compreensão de quem seria Bandeira e os conhecimentos necessários sobre os demais poetas comparados ao aedo antigo só serão explicitados no capítulo 07 do material, intitulado “Modernismo”.

Imagem 10: Projeto Múltiplo, questão sobre Homero parte 02

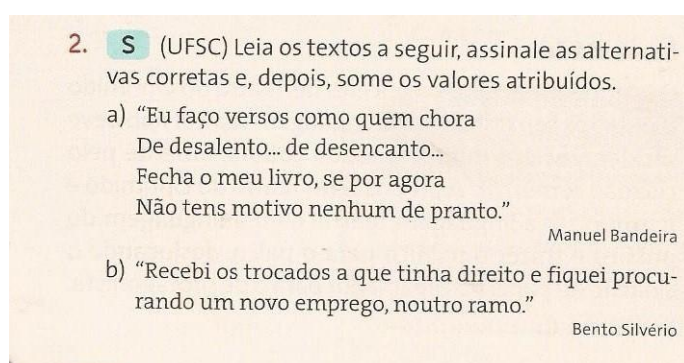
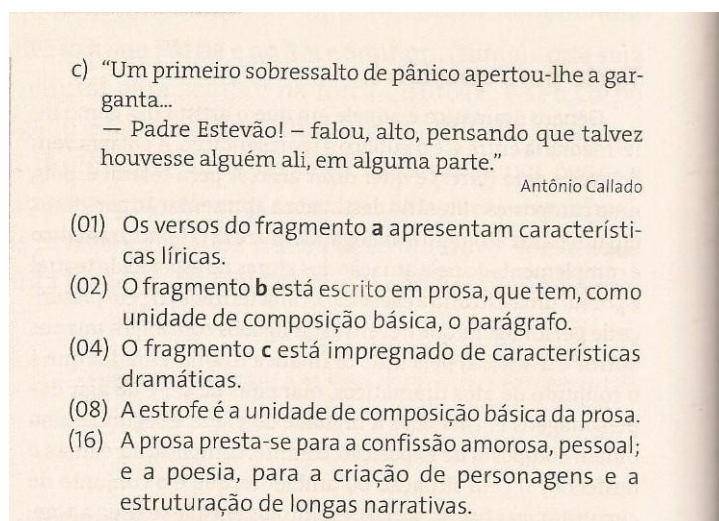


Imagem 11: Projeto Múltiplo, questão sobre Homero parte 03



Apesar dessa tentativa louvável, a questão não dialoga com exemplos da segunda metade do século XXI coerentes com a cultura *Young Adult*, que permeia o cotidiano dos adolescentes que vão entrar em contato direto com o livro. Para esse jovem, o diálogo com Bandeira ou Silvério não o estimula a relacionar o conteúdo abordado com sua vivência, visto que esses autores ainda lhe são desconhecidos. Decerto compreendemos que os livros didáticos

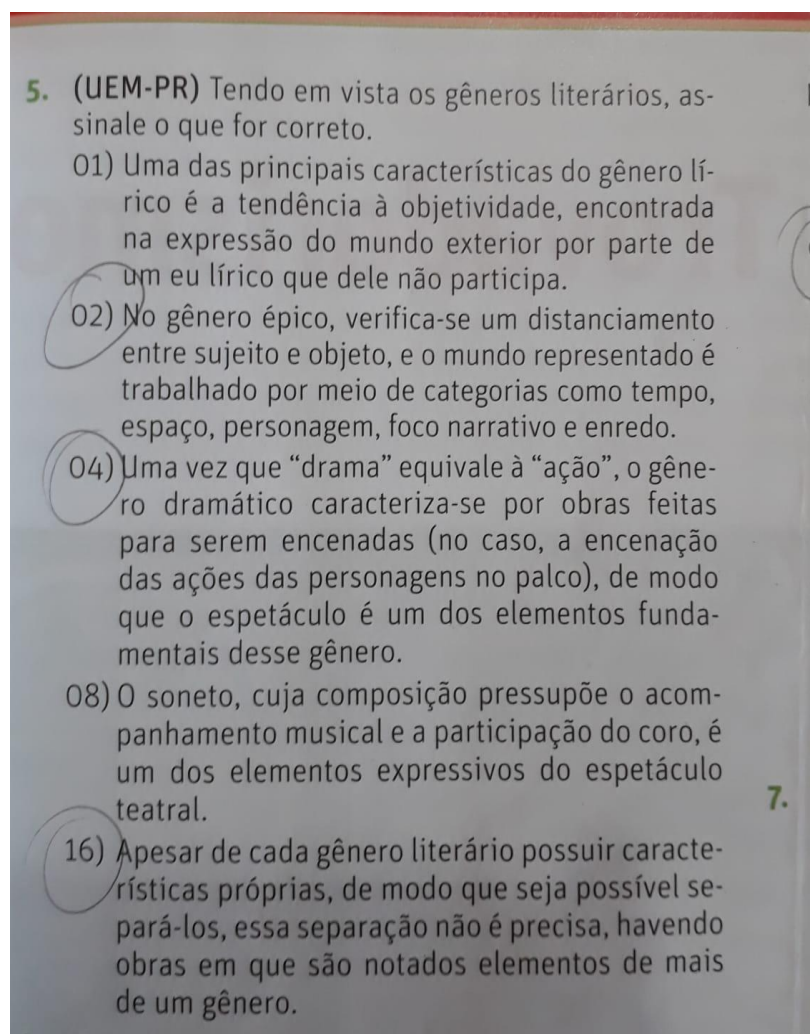
são atualizados constantemente, e que essas renovações não poderiam levar em consideração as obras popularizadas pelos catálogos mais atuais dos serviços de *streaming*, como a Netflix. No entanto, existem relações estreitas que podem ser feitas entre Homero e alguns livros e série que compõem o ideário infantojuvenil. *O senhor dos anéis*, por exemplo, é uma narrativa de fantasia escrita em meados do século XX, mas ainda muito popular na cultura jovem, que resgata muitos elementos da linguagem épica, como a caracterização de personagens superiores e o desenlace de uma aventura em que os modelos de uma sociedade se chocam com um conflito de proporções semidivinas.

Nessa atividade, entretanto, percebemos um enunciado um pouco mais complexo, dividido, inclusive, em duas partes: um contexto rememorando o assunto tratado e a pergunta propriamente dita. O próprio conteúdo solicita que o discente construa uma relação de inferências sobre as temáticas trazidas pelos textos apresentados antes de elaborar uma resposta. Dessa forma, o eixo didático também é bastante explorado na questão, pois contextualiza suas intenções através de um enunciado forte e estabelece uma questão em que o aluno precisa refletir para respondê-la.

Como percebemos no capítulo anterior, dos livros analisados o “Ser Protagonista BOX: Literatura” foi o que menos explorou a percepção e o estudo sobre Homero. Ainda que não possua um exercício específico para os conteúdos vinculados ao poeta, podemos apontar que o livro procurou explicar a relação entre os gêneros literários expostos previamente e as mais diversas formas de produção literária. Ainda que o gênero épico não seja privilegiado no livro, podemos apontar que a cultura clássica foi. O livro retrata alguns mitos gregos, como *Eros e Psique*, abordando o papel de herói e anti-herói na narrativa e apontando como o mito foi revivido por Fernando Pessoa em poesia de mesmo nome. A coletânea traz, também, exercícios que exploram uma relação através de imagens e esculturas, como a *Psique revivida pelo beijo de Eros* de Canova (1793). As questões buscam formar um sujeito leitor, capaz de refletir sobre a temática e construir um novo conhecimento sobre o assunto. Ademais, o livro traz um único exemplo contido sobre o gênero épico, sem, no entanto, recorrer a imagem do autor.

É um grande pesar que nenhuma das questões aborde Homero, visto que deixam de explorar o principal afluente do qual manou boa parte de nossa tradição literária. Ricos poderiam ser os paralelos criados com outras obras de todas as movimentos posteriores das artes das palavras, e novos sentidos poderiam ser construídos pelos estudantes, ressignificando parte da cultura que os rodeia, e desvelando, assim, a face homérica que se esconde sobre Ocidente.

Imagem 12: Atividade do livro Ser protagonista BOX: Literatura



Na atividade em questão, percebemos uma interação entre o conteúdo abordado e a prática dos vestibulares. Ainda que ela não trabalhe os aspectos críticos-reflexivos do leitor, ainda percebemos uma boa dinâmica com os três grandes eixos abordados por Marcuschi: didático, conteudista e enunciado. Destarte, o enunciado aparece de forma bastante simples, sendo solicitado que o leitor marque as alternativas baseadas nos estudos prévios. A resposta, bem verdade, se encontra na página anterior do material, o que possibilita ao estudante um rápido acesso a ela e retira dele a urgência da resolução. No que diz respeito à didática da proposição, percebemos que o livro se preocupou em dinamizar e misturar os diversos gêneros. Ou seja, o aluno precisaria conhecer e memorizar todos os assuntos prévios para conseguir responder o que se pede, no entanto, ela não trabalha as obras de cada gênero, o que poderia torná-la mais complexa e demandar, de quem a resolve, outros processos cognitivos e críticos, resultando em uma atividade mais rica.

Conclusão

Nossa ideia ao discutir a abordagem dos textos homéricos nos livros didáticos buscou apresentar dimensões de diálogo do texto literário com o mundo que o gesta com aquele em que o texto será lido. Dessa forma, acreditamos que, a partir da presença e compreensão da obra do bardo grego e de seu contexto literário, o olhar do discente passa a operar novas conexões de sentido entre a arte antiga e a realidade, uma vez que ecos desse legado poético, narrativo e imagético ainda se fazem presentes nas mais variadas mídias modernas. Além disso, a compreensão desses fatores leva o sujeito leitor a buscar novas camadas de sentido sob as mais superficiais. Vínculo esse reforçado por documentos oficiais como a BNCC-EM e os PCEMs, que, apesar de não explicitarem a literatura antiga, recomendam toda e qualquer relação entre expressões culturais diversas no tempo e no espaço.

Porém, como podemos perceber nos trechos apresentados anteriormente, não existe uma busca concreta na maior parte dos livros didáticos estudados em apresentar de forma convidativa aos alunos o texto homérico, nem à riqueza de informações criadas por sua conjuntura histórica e social, o que tolhe o estudante em sua compreensão sobre as múltiplas tradições artísticas que o educando contemplará adiante em sua vida escolar. Além disso, o tratamento dado à obra de Homero também é questionável. Apenas recortes mínimos são mobilizados, e seus aspectos formais, suas técnicas narrativas e poéticas, são esquecidas em detrimento de uma apresentação mais geral do enredo. Aliada a esse contexto está a construção diretiva que não estimula as competências crítico-reflexivas do estudante, e que pouco se esforça para vincular o seu objeto de estudos com uma realidade social mais ampla.

Nesse sentido, os desafios enfrentados para a produção desse trabalho centraram-se, principalmente, na escassez de material a ser analisado. Afinal, é preciso admitir que a abordagem de um tema tão distante dos nossos dias, e, por isso, tão envolto em múltiplos mistérios e tão distante, de nossa cultura, apesar de estranhamente próximo, demandaria um esforço considerável de consideração e de adaptação, além de uma série de conhecimentos específicos sobre o período. Questionamo-nos, durante as análises uma grande e motivadora questão: o quanto seria suficiente? Qual nível de detalhe nas características narrativa, nos recursos expressivos? Qual o nível de mergulho no universo estético das obras, seus temas e questionamentos humanos? Qual o nível de contextualização histórica, de conhecimento sobre a antiguidade grega? Enfim, até que profundeza poéticas de Homero poderíamos trazer o nosso estudante?

Os documentos reguladores supracitados, em conjunto com os postulados de Bunzer (2005) e Chevel (1990) nos sugerem uma abordagem metodológica que não é estranha nem ao ensino de literatura na esfera básica, nem ao livro didático: oferecer um panorama mínimo da conjuntura cultural de sua época; trazer informações basilares sobre o que se conhece do autor; analisar os traços estilísticos fundamentais das obras; por fim, estabelecer conexões entre todos esses elementos e o contexto contemporâneo e nossas vidas. A parte desta última categoria, ainda rara no ensino de literatura, as outras três se fazem presentes no discernir de todas as outras escolas literárias. Por que não ao tratar do início de tudo? Depreende-se, assim, que a maior questão presente nos livros didáticos não é de método, mas sim de conteúdo. E todas essas vertentes nos levam para o mesmo problema: a desvalorização do universo das letras clássicas, realidade distante de uma solução. Apesar disso, consideramos que mais estudos com o fito de avaliar a atual abordagem dada aos autores clássicos, Homero incluso, serão capazes de revitalizar o repositório de conhecimento cultural e inspiração poética legado por nossos antecessores, principalmente entre o público mais jovem, que, no futuro, podem eles mesmos contribuir para a manutenção dessa corrente artística e humana que une presente, passado e futuro. Com ela, lembramo-nos da memória do que se passou e construímos o novo.

Nesse sentido, é lícito lembrar Calvino (2003):

Contudo, pensando bem, a perda da memória é uma ameaça que nos cantos ix-xi se repropõe várias vezes: primeiro com o convite dos lotófagos, depois com os elixires de Circe e mais tarde com o canto das sereias. Em todas as situações Ulisses deve estar atento, se não quiser esquecer de repente ... Esquecer o quê? A Guerra de Tróia? O assédio? O cavalo? Não: a casa, a rota da navegação, o objetivo da viagem. A expressão que Homero usa nesses casos é "esquecer o retorno". Ulisses não deve esquecer o caminho que tem de percorrer, a forma de seu destino: em resumo, não pode esquecer a Odisseia. Porém, mesmo o aedo que compõe improvisando ou o rapsodo que repete de cor trechos de poemas já cantados não podem olvidar se querem "dizer o retorno"; para quem canta versos sem o apoio de um texto escrito, esquecer é o verbo mais negativo que existe; e para eles "esquecer o retorno" significa olvidar os poemas chamados *nostoi*, cavalo de batalha de seu repertório. (CALVINO, p. 28, 2003)

Dessa forma, encerramos nossa breve discussão com a seguinte indagação: será que nossos alunos não são aptos a ler livros “difíceis” uma vez que não gostam deles, ou por que nunca foram ensinados a ver como eles são relevantes em suas vidas? Reiteramos que os elementos da literatura grega são dispersos nas mais múltiplas mídias, e que essa plasticidade dos textos muitas vezes é estéril na dinâmica da sala de aula e relegada à nota de rodapé ou a comentários rasos nos livros didáticos. Então, queremos manter viva a própria memória

homérica, refratada através das eras como um discurso metalinguístico, pois conforme Calvino (2003), a importância da preservação da memória torna-se central no próprio discurso homérico, quando Aquiles renuncia a uma vida longa, próspera e recheada de amor em detrimento da imortalidade de seu nome na memória de seu povo, ou quando Odisseu quer, antes de tudo, permanecer um herói resiliente, vivo com memórias e nas memórias. Sendo esse, assim, um dos papéis da literatura, lembrar os grandes heróis feitos de narrativas e lembranças. Com efeito, a preservação dessa arte, dessas obras e desse universo cultural, paradoxalmente próximo e intrinsecamente distante, ensina-nos um pouco mais sobre algumas das diversas facetas que compõem a vida e a sociedade.

Bibliografia

- BATISTA, Antônio Augusto Gomes. A avaliação dos livros didáticos: para entender o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). In: ROJO, Roxane; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. (Org.). Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 25-68.
- BRANDÃO. *A poética clássica*. São Paulo: UNESP, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Curricular Comum do Ensino Médio. 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Parâmetros Curriculares do Ensino Médio. 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 2011.
- BUNZEN, C. *Construção de um objeto de investigação complexo: o livro didático de língua portuguesa*. Revista Estudos Linguísticos XXXIV. Campinas, SP, 2005.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos?* Companhia de Bolso. São Paulo, 2003.
- CARPEAUX, Otto Maria. *A literatura greco-latina por Carpeaux*. Editora Leya. Rio de Janeiro, 2012.
- CHAVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista diálogo educacional*, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2293>>
- COMPAGNON. *O demônio da literatura: Literatura e senso comum*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- FRYE, Northrop. *A imaginação educada*. Rio de Janeiro: Vide Editorial, 2018.
- JAEGGER, Werner. *Paideia*. Editora WMF. São Paulo, 2020.

KRAUSZ, Luis S. *As Musas. Poesia e Divindade na Grécia Arcaica*. - São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2007.

LESKY, A. *A literatura Grega*. São Paulo: Perspectivas, 1998.

MARCÍLIO, Fernando. *Literatura: formação do leitor literário*. Editora Moderna. São Paulo, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MALTA, A. *Homero Múltiplo*. Rio de Janeiro: EDUSP, 2012.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária*. Editora Cultrix. São Paulo, 1971.

NÍCOLA, José. *Projeto múltiplo: literatura parte I*. Editora Scipione. São Paulo, 2014.

SINISCALCHI; STRECKER; MARTINS. *Ser protagonista box: literatura, ensino médio: volume único*. São Paulo: Editora Saraiva, 2015.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Perspectivas, 2007.